



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE HISTÓRIA**

FERNANDA POMORSKI DOS SANTOS

**ESPORTE CLUBE TREZE DE MAIO:
ASSOCIATIVISMO NEGRO EM ERECHIM**

ERECHIM

2014

FERNANDA POMORSKI DOS SANTOS

**ESPORTE CLUBE TREZE DE MAIO:
ASSOCIATIVISMO NEGRO EM ERECHIM**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau
de Licenciado em História da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^ª. Me. Débora Clasen de Paula

ERECHIM

2014

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Santos, Fernanda Pomorski dos
Esporte Clube Terço de São: associativismo negro em
Erechim/ Fernanda Pomorski dos Santos. -- 2014.
45 f. il.

Orientadora: Débora Classen de Paula.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2014.

1. Erechim. 2. Negros. 3. Associativismo. I. Paula,
Débora Classen de, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação de Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FERNANDA POMORSKI DOS SANTOS

**ESPORTE CLUBE TREZE DE MAIO:
ASSOCIATIVISMO NEGRO EM ERECHIM**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^ª. Me. Débora Clasen de Paula

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 05/12/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Me. Débora Clasen de Paula– UFFS

Prof^ª. Me. Fernanda Oliveira da Silva

Prof^ª. Dr^ª. Isabel Rosa Gritti - UFFS

Meus heróis não são necessariamente os homens e mulheres que possuem títulos, mas os homens e mulheres humildes que existem em todas as comunidades e que escolheram o mundo como palco de suas operações, que julgam que os maiores desafios são os problemas sócio econômicos que desafiam o mundo, como a pobreza, o analfabetismo, a doença, a falta de moradia, a impossibilidade de mandar seus filhos para a escola. Estes são meus heróis. (Mandela)

RESUMO

Este trabalho dedica-se ao estudo de parte da população negra da cidade de Erechim através da constituição e funcionamento do Esporte Clube Treze de Maio, fundado em 16 de dezembro de 1949. A historiografia local dedicou pouca atenção a esta temática, havendo apenas um trabalho de fôlego sobre os negros, motivo pelo qual se justifica a realização deste trabalho. O problema central desta pesquisa é analisar se a associação se constituiu em um importante espaço de sociabilidade para os negros colaborando na formação de uma identidade e valorização do grupo. Através das fontes analisadas, apresentamos a rede associativa formada na cidade a partir de cada etnia e os motivos que levaram à constituição de um Clube para os negros. Ao traçar os primeiros passos do Esporte Clube Treze de Maio e entender sua formação dentro da sociedade, investigamos o processo de invisibilidade social sofrido por esta parcela da população e os mecanismos utilizados para contornar esta situação. Procuramos compreender o estabelecimento das regras rígidas de comportamento impostas aos frequentadores e como estas contribuíram para formar uma imagem acerca do Clube e seus associados.

Palavras-chave: Erechim. Associativismo. Negros.

ABSTRACT

This work comes to the study on part of the black population in the city of Erechim through the establishment and functioning of Esporte Clube Treze de Maio, founded on December 16, 1949. The local historiography has devoted little attention to this issue, with only one work of breathless over black people, reason whereby we conducted this work. The central question of this research is to examine whether the association became an important social space for black people collaborating in the formation of identity and appreciation of the group. Through the analyzed sources, we present the associative network created in the city from each ethnicity and the reasons which led to the formation of a club for black people. When outlining the first steps of Esporte Clube Treze de Maio and understanding their formation within the society, we investigated the process of social invisibility experienced by this part of the population and the mechanisms used to circumvent this situation. We seek to understand the establishment of strict rules of behavior imposed on goers and how they contributed to form an image about the club and its members.

Keywords: Erechim. Associations. Black people.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Vila Operária	27
Fotografia 2 - Equipe principal de futebol do Esporte Clube Treze de Maio.....	33
Fotografia 3 - Rainha da Primavera.....	34
Fotografia 4 - Baile no Clube Treze De Maio	53
Fotografia 5 - Carnaval Infantil	54
Fotografia 6 - Festa Caipira	55
Fotografia 7 - Inauguração Do Esporte Clube Treze De Maio.....	56
Fotografia 8 - Lourdes Therezinha De Oliveira	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - População presente por sexo e cor no Município de Erechim em 1950..... 28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A FORMAÇÃO DA CIDADE DE ERECHIM E AS ASSOCIAÇÕES CRIADAS A PARTIR DE CADA ETNIA	13
3 O ESPORTE CLUBE TREZE DE MAIO POR MEIO DA IMPRENSA	25
4 UMA SOCIEDADE "EMINENTEMENTE BRASILEIRA"	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
ARQUIVOS PESQUISADOS.....	65

INTRODUÇÃO

Em meados de 2010 participei da seleção para bolsista de um projeto da Universidade Federal da Fronteira Sul, coordenado pelo professor Gerson Wasen Fraga. Durante a entrevista realizada com os alunos interessados na vaga fui indagada sobre o tema de meu agrado. Sendo, na época, aluna do segundo semestre, ainda não tinha um recorte específico sobre o tema que gostaria de estudar, a única certeza era que queria trabalhar com a população negra de Erechim, e essa foi minha resposta. Fui selecionada para o projeto que visava constituir um laboratório de história oral na Universidade e os primeiros entrevistados foram alguns militantes de movimentos sociais da região. A participação no projeto me forneceu importante aporte teórico sobre história oral e me interessou tanto que foi preciso adiar meu objeto inicial.

Entretanto, no início de 2013 tive a oportunidade de participar como voluntária em outro projeto, este intitulado A presença negra em Erechim (1908-1960), coordenado pela professora Débora Clasen de Paula, que tinha entre os objetivos principais mapear e reunir fontes impressas sobre a participação negra na formação da cidade de Erechim, coletar depoimentos de membros desta comunidade além de investigar as formas de organização associativa da etnia em Erechim. Participar do projeto me aproximou do tema que me é tão caro, proporcionou momentos de debates e leituras que me auxiliaram, mas, principalmente, forneceu-me o recorte para o trabalho de conclusão de curso: associativismo negro na cidade de Erechim através do Esporte Clube Treze de Maio.

Nosso estudo se propõe a contribuir com a construção de uma historiografia local que tenha como foco o grupo negro, dando maior visibilidade e tentando preencher, mesmo que de forma pequena, essa lacuna historiográfica existente acerca desta parcela da população da cidade de Erechim a partir das reflexões sobre a importância de seu clube. Até o presente momento, os trabalhos acadêmicos sobre o município visam, na maioria das vezes, trabalhar o forte aspecto positivista, a formação do espaço urbano e a imigração italiana e polonesa. Não intencionamos compreender toda a história do Clube, mas nos atrevemos a provocar algumas discussões acerca da moralidade, da sociabilidade e dos laços formados entre os negros de Erechim que frequentaram o Clube Treze de Maio. Propomos pensar sobre a invisibilidade do negro no município, analisar o pequeno espaço destinado ao grupo no jornal local a Voz da Serra, e ainda, a verificar se foi possível a construção de uma identidade de grupo através do Clube. Sendo assim, é conveniente elencar os caminhos trilhados para a construção deste estudo e seus marcos teóricos e metodológicos.

A região sul do país foi vista por muito tempo como uma extensão da Europa devido a forte presença de povos alemães, poloneses e italianos. A presença de escravos no Rio Grande do Sul foi suprimida pela historiografia durante anos, só na década de 1960, com os estudos produzidos pela escola sociológica paulista é que esta lacuna foi parcialmente preenchida. Embora lancem um novo olhar para a escravidão no Rio Grande do Sul, o que pode ser considerado um avanço em termos de reconhecimento da escravidão, estes trabalhos deram ao negro um papel secundário, tratando-os como meros expectadores da vida, sem poder algum de negociação e barganha. Da mesma forma, a participação do negro na formação da identidade gaúcha também é vista como secundária. Ruben George Oliven afirma que:

ao passo que em outros Estados do Brasil, como a Bahia, o negro comparece como um dos formadores da identidade, no Rio Grande do Sul sua imagem é relegada a um segundo plano. De fato, a historiografia gaúcha tradicional, apesar de reconhecer a existência generalizada do escravo no Estado, insistiu na sua pouca importância no processo do trabalho.¹

Nas décadas de 1980 a historiografia começou a rever a produção da década de 60 e estudos para outras partes do país passaram a reivindicar o escravo enquanto sujeito. Pesquisadores como Silvia Lara e João José Reis, dentre outros, começaram a dar papel de destaque ao dia a dia do cativo, mostrando suas lutas e reivindicações abordando suas ações, estratégias e as relações sociais estabelecidas ainda durante o cativeiro e no pós-abolição. Assim, o negro passou a ser protagonista da história, deixando de ser mero observador dos fatos. Ocultar o papel histórico do negro não foi particularidade dos grandes centros, pois no interior do país esta prática também aconteceu.

As fontes deixadas pelo Clube Treze de Maio apontam muitos caminhos, porém são incompletas. Podemos entender estes resquícios como "indícios" que permitem abrir uma janela em que é possível uma aproximação com o vivido no passado. Para tanto, a teoria-metodológica da micro-história e o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg possibilitam a pesquisa através de "pegadas" e "fragmentos", consentindo que trabalhássemos muitas vezes com o não-dito, com as ausências, com resíduos de fontes que forneceram subsídios para seguirmos os "rastros" do Esporte Clube Treze de Maio e de parte de seus associados.

Para compreender a formação de um clube negro em uma cidade de colonização europeia fizemos uso da dissertação de Fabrício Gomes. Através de seu trabalho traçamos algumas semelhanças entre o clube Gaúcho de Caxias do Sul e o Clube Treze de Maio. Esta

¹ OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade**. Ilha de Santa Catarina. Letras Contemporâneas, 1996. p. 26.

comparação foi possível devido à contemporaneidade dos dois clubes, e por Erechim se assemelhar a Caxias no que se refere à colonização.

Parte da metodologia aplicada para a realização da pesquisa sobre Associativismo Negro em Erechim foi a história oral, com base em Verena Alberti, e Paul Thompson. Segundo Alberti "a história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a história dentro da história"². Se tomarmos a história como uma construção a partir de determinado olhar, levando em consideração o espaço e o tempo, a história oral pode ser uma ferramenta importante para mostrar o protagonismo de homens e mulheres comuns dentro dos fatos da história.

Além das três entrevistas realizadas com antigos sócios do Esporte Clube Treze de Maio e com seus descendentes, também foram analisados documentos como a ata, o estatuto, o livro ouro e fotografias, e exemplares disponíveis do jornal A Voz da Serra. Estas pertencem a dois acervos distintos: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font e acervo pessoal de dona Margarete Fátima da Silva.

A formação da cidade de Erechim foi fortemente influenciada pelo positivismo que colocou à margem a participação de índios, caboclos e negros, privilegiando a migração intensa de descendentes europeus. Neste contexto positivista de colonização ocorreu no município a constituição de uma grande rede associativa criada a partir de cada etnia. O primeiro capítulo deste trabalho procura elaborar uma rápida explanação sobre a formação da cidade de Erechim, sua grande diversidade étnica assim como, fazer um levantamento das principais associações esportivas e culturais formadas na sociedade erechinense. Para tanto foi essencial a leitura de parte da obra de Enori José Chiaparini, de Ernesto Cassol além de outros historiadores locais que embasaram as análises feitas e possibilitaram compreender a formação da cidade e seu impacto para os diversos grupos étnicos presentes, especialmente os negros.

No capítulo dois o foco é a invisibilidade do negro no município de Erechim e os pequenos espaços, por eles conquistados, no jornal A Voz da Serra. O conceito de invisibilidade é empregado conforme entendido por Loraine Slomp Giron e Roberto Radünz³ quando afirmam que "a invisibilidade social decorre do estigma e do preconceito". Segundo os autores esta invisibilidade também fez com que o negro estivesse ausente nas pesquisas

² ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. PINSKI, Carla Bassanezi (Org.) Fontes Históricas. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p 155.

³ GIRON, Loraine Slomp, RADÜNZ, Roberto. Invisíveis: negros nas memórias dos brancos. **Revista brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 4, n. 7, p. 144, 2012.

realizadas pela história regional. Desta forma foi possível perceber como parte da população de Erechim tornou-se invisível e quais foram os meios que encontraram para driblar esta conjuntura.

O levantamento feito nas notícias publicadas nos exemplares disponíveis do jornal A Voz da Serra tornou-se fonte importante para o estudo. Através das matérias percebemos os dispositivos acionados pela imprensa na tentativa de minimizar a presença de negros na cidade, mas também para justificar a construção do Clube, um espaço que seria destinado a população negra. Utilizar matérias publicadas exigiu maior reflexão sobre o uso de periódicos como fonte histórica, sem esquecer as armadilhas para a produção historiográfica, procuramos identificar quem, o que, e para quem escrevia o jornal A Voz da Serra.

O terceiro capítulo tem como objetivo traçar os primeiros passos do Esporte Clube Treze de Maio, entender sua formação dentro da sociedade, verificar a existência de vínculos estabelecidos entre o Clube e outras associações além de analisar a forte cobrança em relação a moral de seus associados, com a finalidade de perceber se o Clube colaborou para formação da identidade do negro em Erechim. A identidade negra foi analisada aqui como de base racial, segundo defendido por Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, na leitura de Fernanda Silva, quando afirma que “a(s) identidade(s) negra(s) é concebida [...] como uma identidade de base racial, de afirmação de sua origem e consequentemente, sua raça [...]”⁴. Segundo o autor esta forma de identidade fundamentada na raça, existente no mundo social, é eficiente na construção, manutenção e reprodução das diferenças e dos privilégios.

⁴ SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. Porto Alegre, 2011. Dissertação. (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós Graduação em História, PUCRS. p.31.

2 A formação da cidade de Erechim e as de associações criadas a partir de cada etnia.

As primeiras levas de migrantes chegam a região de Erechim em 1909, no entanto, este espaço já era ocupado por indígenas Kaingang e por outros grupos como refere Nédio Piran,

Desde 12 mil anos antes do nascimento de Cristo (6 mil, segundo outros), índios do grupo jê/Kaingang ocupavam a região. A partir do Século XIX, por força da Revolução Farroupilha (1835/45), do Abolicionismo (1888) e da Revolução Federalista (1893/95), outros grupos étnicos (negros, caboclos) se refugiam nessa região de relevo acidentado e florestada.⁵

Antes da chegada das maiores levas de imigrantes que colonizaram a região, muitos já se aventuravam a morar no Alto Uruguai apesar do afastamento e do isolamento que isso poderia representar. Várias podem ter sido as razões para que o fizessem, entre elas a busca por melhoria nas condições de vida, aproveitando o amplo espaço para plantação ou criação de gado, mas também é possível que alguns aproveitaram justamente o isolamento, se refugiando de alguma punição por qualquer crime cometido em outra localidade⁶.

Se as florestas de Erechim foram habitadas por índios, invadidas por bandeirantes, foragidos entre os mais diversos nos séculos XVII a XIX, é na primeira década de 1900 que o processo colonizador começa com as primeiras grandes levas de imigrantes. Segundo Isabel Rosa Gritti a diversidade étnica e cultural da população de Erechim é um dos pontos a ser destacado no que se refere a região, "nos livros de registros de entrada de imigrantes correspondentes aos anos de 1911 a 1914 encontramos o registro de imigrantes de nacionalidade alemã, austríaca, polaca, russa, italiana, sueca, holandesa e até dois japoneses."⁷

Colaborando com a ideia de diversidade étnica na formação de Erechim Cassol afirma que "A instalação do núcleo se dá em 1910, com 36 colonos (4 famílias com 28 pessoas e 8 solteiros). Neste mesmo ano a colônia atinge 226 pessoas, com 31 famílias de russos, alemães, franceses, austríacos e outras nacionalidades."⁸ Afirma também que "em 1915 a população da Colônia já ascendia para 27.359 habitantes, dos quais 7114 brasileiros, 5721 poloneses, 246 suecos, 3652 alemães, 1827 italianos, 722 austríacos, 106 espanhóis, 74 franceses, 734 portugueses e 7863 de diferentes nacionalidades."⁹

⁵ PIRAN, Nédio. **Agricultura Familiar: lutas e perspectivas no Alto Uruguai**. Erechim: EdiFAPE 2001. p.25

⁶ DUCATTI, Antônio Neto. **O Grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST. 1981. p.61.

⁷ GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004. p.117.

⁸ CASSOL, Ernesto. **Histórico Erechim**. Passo Fundo: Instituto social Padre Berthier, 1979. p. 28

⁹ CASSOL, Ernesto. **Histórico Erechim**. Passo Fundo: Instituto social Padre Berthier, 1979. p.115

Parte dos imigrantes chegados a partir de 1910 não vinham diretamente da Europa e sim das antigas colônias da região do Vale dos Sinos ou de outras partes do Estado e do País. Eles não ficaram abandonados no processo de fixação da terra, encontraram em Erechim uma infra estrutura que contava com um órgão oficial de colonização trabalhando a seu favor, uma ferrovia, além de compatriotas dispostos a colaborar e falando o mesmo idioma.¹⁰

Ao chegarem, os colonos europeus e os migrantes das colônias velhas encontram aqueles antigos moradores, com suas capoeiras (áreas desmatadas), roças (plantações de milho, mandioca, feijão), extraindo e cancheando erva -mate. Geralmente possuem pequenas criações de animais domésticos (porcos, aves, a vaca leiteira, terneiros), bois, cavalos e muaras, pois o único meio de transporte existente é o lombo de burro, a carreta, a carrocinha. Na maioria são descendentes de paulistas ou vindos de outros lugares. Entre eles há também alguns descendentes de alemães e italianos. [...]As famílias que chegavam iam se instalando um tanto desordenadamente na área da Praça Júlio de Castilhos e à frente do quadro ferroviário.¹¹

Entre os anos de 1911 e 1912 muitos poloneses¹² emigraram para o Brasil, várias destas famílias para a colônia de Erechim. Embora já estivessem na região desde 1907 a primeira família a ser registrada oficialmente em Erechim data do dia 10 de abril de 1910. Os primeiros poloneses que chegaram em Erechim vieram da região do Rio das Antas e do porto de Rio Grande.¹³

Orientados pela companhia Jewish Colonization Association- ICA, em 1911 e 1912 chegam também os primeiros judeus, originários da Romênia, Alemanha, Bielorrússia, Áustria, Espanha e Itália, instalaram-se inicialmente em Quatro Irmãos. Os italianos, que eram em número menor que os poloneses até 1918 tiveram um aumento significativo com a intensificação da migração originária das colônias antigas. A primeira leva de imigrantes alemães chega em Erechim no ano de 1912 e se estabelece em Paiol Grande, entre esses imigrantes encontrava-se o primeiro alfaiate de Erechim, o Sr. Augusto Stefano. Porém, a maior parcela de alemães se estabeleceu em Lageado Grande (atual Ponte Preta) e em Rio Novo (atual Aratiba) onde 30% da população era de origem alemã.¹⁴

¹⁰SCHMIDT, Rémis Alice Perin. **Erechim cidade construída para imigrantes** - Poder simbólico na conquista do espaço urbano. 2009. Dissertação. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS . p.75

¹¹SHMITD, Remis apud ILLA FONT, 1983, p. 12

¹²(N.E) Para aprofundar os conhecimentos acerca da imigração polonesa ver trabalho GRITTI, Isabel Rosa. Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito – Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

¹³CHIAPARINI, Enori José et. al. **Erechim: Retratos do Passado, Memórias no Presente**. Erechim: Graffoluz, 2012. p.66

¹⁴DUCATTI, Antônio Neto. **O Grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST. 1981. p. 95-96.

A região de Erechim foi uma das últimas a ser colonizada no Estado do Rio Grande do Sul, a distância da capital, Porto Alegre, foi um dos motivos para a demora na ocupação, assim como o terreno acidentado, que não despertava o interesse dos grandes latifundiários para as terras da região.¹⁵ Localizadas no Alto Uruguai gaúcho as terras de Erechim começaram a ser demarcadas juntamente com a elaboração do traçado por onde deveria passar a ferrovia que iria ligar o Rio Grande do Sul a São Paulo cortando a região conhecida como Sertão do Alto Uruguai, ligando Passo Fundo a Marcelino Ramos. As estações ferroviárias que foram sendo construídas ao longo dos trilhos deram origem a diversos núcleos urbanos¹⁶. Segundo Enori José Chiaparini,

A São Paulo - Rio Grande foi a última grande ferrovia concluída no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX, em seu último trecho - de Passo Fundo a Marcelino Ramos. Essa construção contribuiu para a colonização e criação de núcleos urbanos. Em torno de cada estação e de cada caixa de água, destinada ao abastecimento das locomotivas, surgiram povoados, vilas e cidades. Assim nasceram as estações construídas a partir de Passo Fundo, que deram nome as localidades: as estações de "cochilha", "Sertão", "Erechim" (no atual município de Estação, que pertenceu a Getúlio Vargas), "Erebango", "Capo-Êre", "Paiol Grande" (atual Erechim), "Baliza", "Barro" (atual Gaurama, ambas localizadas no município), "Viaductos", "Cannavial" e "Alto Uruguai" (atual Marcelino Ramos).¹⁷

A construção da estrada de ferro Itararé/Santa Maria é considerada um dos fatores decisivos para a exploração das terras do Alto Uruguai. Inicialmente a construção da ferrovia foi concedida à companhia belga Cie. Auxiliaire de Chemins de Fer.¹⁸, porém, várias foram as empresas que participaram de sua construção, entre elas a Compagnie Chemins Fer Sud-Ouest Brésiliens, a Companhia União Industrial e também a Brazil Railway Co. do americano Percival Farquhar. É o trecho construído por Farquhar, (Porto União-Rio Uruguai) que chega ao Alto Uruguai gaúcho em 1910, ligando-se a linha que vinha sendo construída de Passo Fundo em direção ao rio Uruguai.¹⁹

A linha que atravessou o Estado, com início na cidade de Santa Maria (RS), fazendo a ligação desta com o restante do Rio Grande do Sul e também com Santa Catarina, Paraná e São Paulo, passando pela região do Alto Uruguai foi primordial para a colonização desta região. Conforme o plano do governo, o local seria progressivamente ocupado na medida em

¹⁵ ZANELLA, Anacleto. **A trajetória do sindicalismo no alto Uruguai gaúcho 1937-2003**. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 26.

¹⁶ CHIAPARINI, Enori José et. al. **Erechim: Retratos do Passado, Memórias no Presente**. Erechim: Graffoluz, 2012. p.29.

¹⁷ Ibidem, p.62.

¹⁸ CASSOL, Ernesto. **Histórico de Erechim**. Passo Fundo: Instituto social Padre Berthier, 1979. p.27.

¹⁹ CHIAPARINI, Enori José et. al. **Erechim: Retratos do Passado, Memórias no Presente**. Erechim: Graffoluz, 2012. p.60.

que a ferrovia fosse implantada. Cada estação significava a origem de um novo povoado onde os excedentes de imigrantes das antigas colônias²⁰ e também imigrantes oriundos da Europa poderiam instalar-se. Segundo Neusa Cidade Garcez ,

A colonização foi um sucesso graças à construção da ferrovia Itararé (SP) ao Rio Grande do sul, o que facilitou e humanizou o transporte de imigrantes, quer daqueles que vinham direto da Europa, ou daqueles que procediam das Colônias Velhas como Caxias, Bento Gonçalves, Monte Negro, Garibaldi entre outras.²¹

A ocupação destas terras e a criação da Colônia em 1908 se encaixam nas políticas de imigração e colonização do governo²² do Estado da época com o objetivo de resolver problemas múltiplos, entre eles a falta de produtos alimentícios, crises de abastecimento e pecuária. Com a grande demanda de imigrantes europeus que vinham para o Brasil, as antigas colônias já não comportavam o número crescente de pessoas, que se tornavam um problema de ordem social. Uma das saídas encontradas foi o deslocamento de parte desta população para novas terras a serem colonizadas. Por fazer parte de uma colonização programada pelo Estado, a corrente positivista foi de grande relevância na maneira de preparar, planejar e executar a vinda e instalação dos imigrantes. Outro fator importante, além da construção da estrada de ferro e da política de imigração foi a participação de empresas de colonização particulares como a Empresa Colonizadora Luce Rosa & Cia. Ltda. e Jewish Colonization Association (ICA). De acordo com Cassol:

Carlos Barbosa presidente do Rio Grande do Sul cria a Colônia Erechim com sede em Caporê em 06 de outubro de 1908. O ato se insere na política de imigração e colonização, que, no período, o governo do Estado implementava. Trata-se, pois de colonização oficial, planejada segundo a legislação vigente. sobretudo de 1899/1900, executado pelo organismo competente, a inspetoria de terras. Permite-se também a colonização privada de acordo com a legislação pública. Destacam-se várias companhias particulares como Bertei, a Sertaneja e sobre tudo a Luce-Rosa e a Jewish Kolonization Association (IKA)²³

Empresas particulares receberam parte dos loteamentos coloniais, sendo encarregadas pela demarcação e comercialização dos lotes. Em Erechim, a Comissão de Terras foi responsável pela colonização de 436.716 ha. nas cidades de Erechim, Getúlio Vargas, São Valentim, Barão de Cotegipe, Erval Grande, Capó-Êre e Itatiba do Sul.²⁴ Duas empresas

²⁰ (N.E) Localizadas na região do Rio dos Sinos e de Caxias do Sul estas colônias antigas foram criadas ainda durante o império.

²¹ GARCEZ. Neusa. **Colonização e imigração em Erechim**: a saga das famílias polonesas. 1997. p.24.

²² (N.E) Entre os anos de 1908-1913 o Rio Grande do Sul foi governado por Carlos Barbosa Gonçalves.

²³ CASSOL, Ernesto. **Histórico Erechim**. Erechim: Passo Fundo: Instituto social Padre Berthier, 1979. p. 28.

²⁴ CHIAPARINI, Enori José et. al. **Erechim**: Retratos do Passado, Memórias no Presente. Erechim: Graffoluz, 2012. p.50.

particulares também tiveram grande participação durante a colonização, a empresa judaica Jewish Kolonization Association (IKA)²⁵ instalada em Quatro Irmãos no ano de 1910, possuía uma área de 93.850 hectares. Segundo Chiaparini:

Foi dividida em colônias de 150 hectares, rodeadas de arame farpado, com uma casa de madeira. Cada família recebia 14 vacas, 4 bois, um touro, 2 cavalos, uma carroça, uma grade e instrumentos para o cultivo da terra. O valor total era de sete contos e quinhentos mil réis pagos no espaço de 15 a 20 anos com juro de 4% ao ano.²⁶

Outra empresa colonizadora particular que se instalou na região foi a Luce-Rosa & Cia Ltda, mais conhecida como Luce e Rosa, se estabeleceu na atual Gaurama, na época conhecida como Barro, em 1916. Responsável pela colonização de Gaurama, Severiano de Almeida, Três Arroios e Aratiba, com uma área total de 91.015 hectares.²⁷

Por sugestão de Carlos Torres Gonçalves, diretor de terras e colonização, o presidente do Estado Carlos Barbosa Gonçalves cria a Colônia de Erechim no dia 06 de outubro de 1908 na região de Getúlio Vargas. No ano seguinte, Torres Gonçalves chega para chefiar a Diretoria de Terras, em 1916 a Comissão, até então localizada na região da atual Getúlio Vargas, é transferida para Paiol Grande, hoje Erechim²⁸. Em 1918, a Colônia Erechim que pertencia Passo Fundo consegue emancipação política e administrativa.²⁹

Base do planejamento urbano e ocupacional do município de Erechim, o positivismo³⁰ tem fundamental importância também na história do município por servir de modelo historiográfico aos primeiros historiadores. A ideia acerca de uma hierarquização das raças também ajudará a fortalecer o preconceito entre os diferentes grupos de imigrantes e seus descendentes que se estabeleceram na então Colônia de Erechim.

A formação da Colônia de Erechim acontece no início do século XX, época marcada no cenário internacional pela crescente importância da ciência e o positivismo representava, para parte da população brasileira, a modernidade. O crescimento das cidades de São Paulo e

²⁵ (N.E) Para aprofundar os conhecimentos acerca da Jewish Kolonization Association ver trabalho GRITTI, Isabel. A Colonização de Quatro Irmãos. In: WAIMBERG, Jacques (Org.). 100 Anos de Amor. A Imigração Judaica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: FIRGS, 2004.

²⁶ CHIAPARINI, Enori José et. al. **Erechim**: Retratos do Passado, Memórias no Presente. Erechim: Graffoluz, 2012. p.50.

²⁷ DUCATTI, Antônio Neto. **O Grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST. 1981. p. 95-96.

²⁸ A cidade de Erechim teve várias designações: Paiol Grande, até 1918; Boa Vista, até 1922; Boa Vista do Erechim, até 1938; José Bonifácio, até 1944.

²⁹ CASSOL, Ernesto. **Histórico Erechim**. Passo Fundo: Instituto social Padre Berthier, 1979. p. 29.

³⁰ (N.E) O positivismo surge na França, esta corrente filosófica tem Augusto Comte como principal idealizador. Para o positivismo o progresso do País está nas mãos da elite, que é também responsável pelo governo, o trabalho cabe ao povo. Caracteriza-se por defender uma acentuada hierarquia social. (CHIAPARINI, 2012. p. 34).

Rio de Janeiro era uma realidade, a luz elétrica, as campanhas sanitárias e as periferias estavam surgindo. Segundo Remis,

A ideologia em voga era positivista, da qual os militares e políticos brasileiros que proclamaram a República, em 1889, estavam fortemente influenciados, o que acabou se refletindo no espaço urbano. Para parte das elites brasileiras, o Positivismo representava a Modernidade e justificava meios autoritários para alcançá-la.³¹

Este período é marcado pela chamada Belle Époque³² que aparece nas construções, nos costumes urbanos e na rejeição das elites à cultura popular. É neste mesmo período que cresce o número de casas de teatro e cinemas. É um contexto de euforia quebrado pela primeira guerra mundial.

A importância dos imigrantes na participação comercial, na industrial e na produção agrícola aumenta durante este período.³³ Segundo análise de Gritti o positivismo determina uma classificação hierárquica dos povos,

Na imensa família humana, Augusto Comte destaca, em ordem decrescente de importância: França, Itália, Espanha, Inglaterra, Alemanha. Constituem a família de elite. Com os anexos respectivos (Bélgica, Suíça, Portugal, Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega, etc.) e suas expansões coloniais (as Republicas latino americanas, os Estados Unidos da América do Norte, a Austrália, os povos ocidentalizados da África) formam o conjunto da vanguarda, ao qual cabe imprimir o cunho fraterno a todos os negócios terrestres, sob a presidência da Nação espiritualmente Diretora, desde a fundação da Republica Ocidental por Carlos Magno- a França. Depois vem: Polônia, Turquia, Rússia, Pérsia, e respectivos anexos. Em seguida, as nações politeístas, representadas na Índia. E, por fim, as nações fetichistas, a começar por aquelas em que o fetichismo atingiu a forma sistemática, astrolátrica, resumidas na China; e descendo sempre, até os povos de fetichismo primitivo, africanos, asiáticos e americanos (no Brasil, contam-se eles entre os de civilização mais recuada)".³⁴

³¹ SCHMIDT. Rémis Alice Perin. **Erechim cidade construída para imigrantes** - Poder simbólico na conquista do espaço urbano. 2009. Dissertação. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS. p. 27.

³² (N.E)"A Belle Époque foi um movimento que perpassou o Realismo, o Impressionismo, o simbolismo, o Pontilhismo e a Art Nouveau. O movimento da Belle Époque foi iniciado na Europa (França) nos anos de 1880, século XIX, tendo declínio, em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial. Muitos estudiosos desse movimento ressaltam a dificuldade de delimitá-lo temporalmente e espacialmente, sobretudo por sua influencia em vários países do mundo e em períodos que ultrapassaram a delimitação atual: 1914. No Brasil, a Belle Époque teve seu auge nos anos de 1889 a 1922, perdurando até 1925. A Belle Époque brasileira foi uma verdadeira europeização dos hábitos e costumes de uma sociedade. Vale ressaltar que as maiores influencias desse movimento se deram em cidades como Rio de Janeiro e Belo Horizonte." (CHIAPARINI, 2012. p. 35).

³³ SCHMIDT. Rémis Alice Perin. **Erechim cidade construída para imigrantes** - Poder simbólico na conquista do espaço urbano. 2009. Dissertação. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS.

³⁴ GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito**. 2004, p.137 apud GONÇALVES, Carlos. op.cit., p.141.

Gritti destaca a importância de levar em consideração essa classificação de povos e nações feita por Augusto Comte, tendo em vista que o Estado do Rio Grande do Sul, e desta forma também Erechim, tiveram forte influência da doutrina positivista.

Neste período a cidade é vista como o lugar do progresso, identificada como racional e planejada, fazendo oposição ao mundo rural, visto como atrasado, ultrapassado. A visão positivista esteve presente em outros aspectos da formação da cidade. Rodrigo Pereira constata em sua pesquisa que, por estar alicerçada em um viés positivista a história de Erechim, por muito tempo, excluiu os índios, caboclos e negros, negando-lhes a devida colaboração na formação da cidade. O autor afirma:

O tratamento dado nos livros de história oficiais, bem como os textos históricos nos últimos noventa anos, demonstram claramente uma negligência quanto à presença negra em Erechim [...] tendo em vista que há registros da presença negra mesmo antes dos primeiros colonizadores, além de sua significativa migração ao longo dos primeiros cinquenta anos do município. Não existem trabalhos que tratem dentro de uma metodologia histórica o presente tema [...]. Registrar suas experiências de vida representa uma parte da história de Erechim, que não foi contada, a história de homens e mulheres negras que contribuíram para a formação prosperidade da “Capital da Amizade”.³⁵

Quando assegura que negros, índios e caboclos foram menosprezados pela história oficial de Erechim, Pereira faz-se acompanhado de Gritti, ambos corroboram a ideia de minimização destes povos. A autora faz uma comparação entre poloneses e negros, demonstrando, em sua pesquisa, que esses também não eram vistos como um “bom” grupo para a colonização, e portanto recebendo um tratamento inferior ao dos demais grupos.³⁶

Outro ponto que deve ser levado em consideração é a imagem de superioridade dos imigrantes em relação a população local. Nédio Piran afirma que a existência da ideia de superioridade dos imigrantes em relação aos caboclos, índios e negros que já habitavam a região era uma "questão de sobrevivência", uma vez que estes grupos representavam uma ameaça ao sucesso dos imigrantes. Essa situação é analisada por Piran:

Assim, implantam-se as desigualdades, excluindo índios e caboclos, e instalando pequenos, médios e grandes proprietários. O desenvolvimento do processo, a partir de tais bases, tende ao aprofundamento das desigualdades, ao ressurgimento das contradições e dos conflitos e, enquanto uns acumulam, outros se pauperizam, são excluídos, proletarizam-se.³⁷

³⁵ PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso. p.10.

³⁶ GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul**: a emergência do preconceito. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

³⁷ PIRAN, Nédio. **Agricultura Familiar**: lutas e perspectivas no Alto Uruguai. Erechim: EdiFAPES, 2001. p.24-25

Esta visão de superioridade também serviu para impedir a demarcação de terras para caboclos e índios, fazendo-se presente também nas políticas positivistas, que foram implementadas no governo de Carlos Barbosa,

No início de seu mandato, já em 1908, Carlos Barbosa nomeia o engenheiro Carlos Torres Gonçalves para chefiar a Diretoria de Terras e Colonização, que passa a ocupar um papel estratégico na defesa da autonomia estadual, fundamental para o sucesso do projeto político castilhistaborgista. Neste sentido, o PRR pretendia impedir que a política de demarcação das terras indígenas e o assentamento dos caboclos fossem feitos pelos órgãos federais.³⁸

Embora a historiografia local não tenha se dedicado a pesquisar caboclos, índios e negros, alguns autores fazem pequenas contribuições no que diz respeito a presença negra no município de Erechim. Podemos encontrar algumas informações na Revista Erechim de julho de 1951, nos artigos de Vilson Weber³⁹; na revista Perspectiva o artigo A presença negra em Erechim de Neusa Cidade Garcez, faz um apanhado sobre o negro no Rio Grande do Sul, porém no que se refere a Erechim a autora afirma que "tentar-se-á recompor o mosaico da história negra em Erechim. O fio condutor será a família de Arlindo e Julia da Silva [...]"⁴⁰. Cassol também faz contribuição e traz o resultado do censo de 1950 onde consta o número de negros no município⁴¹. Quando feitos, os apontamentos sobre a população negra surgem de forma reduzida e são poucas informações, nunca de maneira detalhada. Uma das últimas obras publicadas e que pretende fazer um levantamento histórico do município ao relatar "Os primeiros imigrantes" quando se refere aos negros se limita à frase "também se ressalta a contribuição do negro em nossa região, vindo de outras áreas do Estado e do País"⁴².

A Revista Erechim, como mencionamos, traz algumas contribuições que apontam para a presença negra em Erechim ainda antes da grande imigração e colonização da região,

O Sr. Augusto Stefanus, todos o conhecem, pois nunca saiu de nossa cidade, chegou em 28 de outubro de 1912 indo residir em rio Negro Dourado, e aqui ainda é alfaiate. Quando ele morava lá para os lados do Dourados, existia uma colônia de negros, no lugar denominada Italiana e onde hoje reside a família Coan. Quatro ou cinco famílias de negros ali tinham suas casinholas e também foram desaparecendo, sumindo, ninguém sabe para onde.⁴³

³⁸ SCHMIDT, Rémis Alice Perin. **Erechim cidade construída para imigrantes - Poder simbólico na conquista do espaço urbano**. 2009. Dissertação. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS. p. 36.

³⁹ WEBER, V. O velho Erechim. **Revista Erechim**, julho 1951 Ano 1.

⁴⁰ GARCEZ, Neusa Cidade. A presença negra em Erechim. **Perspectiva**, v.74, 1997. p.91.

⁴¹ CASSOL, Ernesto. **Histórico Erechim**. Passo Fundo: Instituto social Padre Berthier, 1979.

⁴² CHIAPARINI, Enori José et. al. **Erechim: Retratos do Passado, Memórias no Presente**. Erechim: Graffoluz, 2012. p. 66.

⁴³ WEBER, V. O velho Erechim. **Revista Erechim**, julho 1951, Ano 1, p.36

E ainda:

Naquela época lá pelos anos de 1912, já moravam em nossa terra três tipos, e com o decorrer dos anos, se tornaram populares em nossa cidade. Eram eles tia Eva, tio Avelino e Pedro Praxedes, os quais a grande maioria dos erechinenses ainda recorda e talvez desta maneira: Era bem preta, bem preta era a tia Eva. E nossos olhos ainda parecem ver essa figura tão popular de tempos atrás. Tia Eva, tia Eva todos gritavam... ela não era de brincadeira e não gostava de troças. A negra velha nada temia e coitado daquele que lhe assoviasse... Se caísse em suas mãos sofreria um bocado, fosse grande ou pequeno, tia Eva então nada via... e quantas pedras ela atirou nos moleques. Na sua podre morada lá perto da primeira ponte do rio Dourado, a tia Eva morava com seu marido, um francês, de origem, ou que viera da França talvez... Tio Avelino, oh que alma boa, a alma branca em corpo negro. Algum recado, qualquer serviço, pazes de rivais, lá estava o bom Avelino, no tempo do cabo Cezário até parece foi autoridade. Todos lembram como falava o tio Avelino, que sempre dizia após cada palavra um termo esquisito, um colorido ao seu linguajar.⁴⁴

É possível perceber através destes dois relatos que o negro estava presente na região mesmo antes das grandes levas de imigrantes que chegam por volta de 1912. A primeira citação da revista indica que antes de 1912 já existiam famílias negras morando na região. Na segunda citação feita percebe-se o preconceito existente em relação aos negros, enquanto tia Eva não "era de brincadeira", e quem caísse em suas mãos iria sofrer, seu marido, tio Avelino era uma "boa alma", "alma branca em corpo de preto", sem esquecer que tia Eva também costumava atirar pedras em crianças.⁴⁵

As principais contribuições acerca da população negra de Erechim vem de dois trabalhos de conclusão de curso, sendo eles: O Negro e Sua História: O Clube Treze de Maio (década de 1950) de Giovani Maraschin Scoton, o qual não tivemos acesso⁴⁶; e, A Presença Negra em Erechim: Da Colonização ao Esporte Clube 13 de Maio, de Rodrigo Pereira, que serve como importante fonte interlocutora para este trabalho.

A partir da monografia de Pereira podemos acompanhar parte da trajetória de duas famílias negras. A primeira delas chega em Erechim na década de 1930 vinda de Passo Fundo. Galdino Alves Pereira chegou em Paiol Grande no ano de 1935, acompanhado de sua esposa Maria Francisca Alves Pereira e de cinco filhos, todos registrados no cartório erechinense. Natural de Tupanciretã, Galdino morou também em Cruz Alta e exercia a profissão de tropeiro e domador de cavalos, sendo a busca de trabalho o que motivava as constantes mudanças. Em Erechim trabalhou primeiramente como domador de cavalos,

⁴⁴ WEBER, V. O velho Erechim. **Revista Erechim**, julho 1951 Ano 1 p.14-15

⁴⁵ (N.E) Estas citações que apresentam aspectos racistas merecem ser melhor trabalhadas, no entanto, não será feita uma análise mais aprofundada delas neste trabalho.

⁴⁶ (N.E) Apesar de tentativas de acesso ao trabalho monográfico defendido no curso de história da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai (URI) não obtivemos sucesso na consulta ao mesmo.

depois como carroceiro, transportando e comercializando nó de pinho e outros produtos pela cidade. Trabalhou também como agricultor em diversas propriedades, estabelecendo-se na região do rio Tigre (atual Bairro Bela Vista). A outra família chega em Erechim no ano de 1948 originária de São Luis Gonzaga, trata-se de Armandino do Nascimento (o Bié) e Júlia do Nascimento. No início Armandino tirava seu sustento de fazer versos de improviso e cantar na estação ferroviária municipal, depois, com a colaboração de amigos, conseguiu se estabelecer na cidade preparando cal virgem no forno de sua propriedade.⁴⁷ Pereira utilizou-se da história oral para chegar a estes dados que nos fornecem informações importantes sobre as motivações que levavam as famílias a vir para Erechim, bem como suas ocupações e profissões. O autor relata também ter encontrado dificuldade em reunir informações para sua pesquisa devido a escassez de fontes disponíveis.

A grande diversidade étnica do início da constituição da cidade de Erechim, que mais tarde rendeu à cidade o título de "Capital da Amizade"⁴⁸, também foi responsável pela origem de diversos clubes e associações culturais e esportivas. Segundo Zambonato os emigrantes reuniam-se conforme sua ascendência e criavam suas instituições,

O sentimento gregário do homem [...] provocou o aparecimento de associações e agrupamentos conforme suas origens étnicas. Desta forma os italianos e/ou seus descendentes, agruparam-se e criaram suas instituições. Da mesma forma alemães poloneses.⁴⁹

Os imigrantes alemães, que chegaram à Colônia Erechim em 1912, fundaram três sociedades, a primeira delas foi a "Deutscher Cabral" fundada em 1914 e que depois recebeu o nome de club Germânia e possuía biblioteca, campo para esporte, aparelhos de ginástica, cancha de bolão; a segunda chamava-se Concórdia e se destinava à ginástica e a terceira denominava-se Waldesgruss e era de cantores. Em 1933 estas três associações se uniram e formaram a Sociedade Alemã Deutscher Verin (G.W.C.). A associação sofre mais uma

⁴⁷ PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso. p.40.

⁴⁸ (N.E) A cidade recebeu o título de "Capital da Amizade" nos festejos de cinquenta anos de emancipação, "Naquele ano, 1968, foi realizada uma grande festa. Na praça da Bandeira, foram erguidos estandes representativos de todas as etnias que compunham a população do município: franceses, italianos, alemães, holandeses, judeus, espanhóis, portugueses, poloneses, índios, russos, entre outros. Esses estandes mostravam um pouco da cultura de cada povo e sua inserção no município. Lembro que houve a visita de vários cônsules que visitaram a cidade e havia shows típicos todas as tardes. Num desses shows, Rubens Safro - popular e localmente conhecido como Buja - animava a festa e chamou a cidade de Capital da Amizade. Logo a alcunha foi adotada pelo município, devido à diversidade das etnias que compunham a sua população e à harmonia de sua convivência." Disponível em <<http://www.pmerechim.rs.gov.br/pagina/150/origem-do-nome>> acesso em 26 ago 2014.

⁴⁹ ZAMBONATTO, Aristides Agostinho. **Os Meus Erechim**. Editora São Cristovão, 2000. p. 173-174.

mudança de nome em virtude de exigências⁵⁰ do governo federal e passou a se chamar Sociedade Recreativa Cultural Caixeiral. Os alemães fundaram também a sociedade Cultural 25 de Julho, esta em homenagem aos primeiros colonos alemães que chegaram no Brasil em 1824, este clube perdurou até 1978 quando foi doado a Prefeitura Municipal.⁵¹

Os poloneses também criaram seus espaços de convivência, em 1931 tinha início a Sociedade Polonesa Nikolaya Kopernica, a qual, como a alemã, também precisou mudar de nome por ordem do governo,

Obedecendo às determinações do decreto-lei que determina que sejam nacionalizadas as associações estrangeiras, a sociedade polonesa "Nicolau Copérnico", em reunião de assembléia geral realizada a 28 de outubro próximo findo, resolveu mudar sua denominação para sociedade Rui Barbosa.

A numerosa e benquista colônia polonesa desta cidade vem, assim, prestar uma homenagem que sensibiliza a todos os brasileiros que sabem reverenciar a memória dos grandes vultos, como Rui Barbosa, a "Águia de Haya", a fundação cultural de nossa raça.⁵²

No que se refere aos italianos, com a finalidade de prestar assistencialismo aos associados os italianos fundou-se em 20 de setembro de 1915 a Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Setembro. Em dezembro de 1929, em homenagem ao aviador italiano Carlo Del Prete, passa a se chamar Società Italiana de Mutuo Soccorso Carlo Del Prete. Com o decreto de Getúlio Vargas para nacionalizar o nome das sociedades esportivas, a associação passa a se chamar Clube Esportivo e Recreativo Atlântico. Em 1954 com a instalação da cancha de bocha inicia a fase de socialização e lazer, neste mesmo ano é construído um palco no salão de festas onde passaram a se realizar peças teatrais. O local servia também para jogo de cartas, bailes e outras atividades recreativas da comunidade.⁵³ O Clube do Comércio, tradicional clube social da cidade é fundado em 18 de março de 1935 durante reunião realizada na Società Italiana de Mutuo Soccorso Carlo Del Prete.⁵⁴

O clube Ypiranga é fundado em 18 de agosto de 1924. Local de bailes tradicionais, o clube cedia espaço para a realização de programas de rádio, para inspeção de saúde e escolha de rainha estudantil. Erechim contava também com o Clube Brasil, inaugurado em 19 de

⁵⁰ (N.E) Durante o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) houve a Campanha de Nacionalização, onde um conjunto de medidas visou minimizar as influências dos imigrantes que estavam no Brasil. Neste período tornou-se obrigatório o ensino da língua portuguesa nas escolas, os estrangeiros foram proibidos de praticar a língua materna em público, ruas e clubes tiveram seus nomes nacionalizados.

⁵¹ ALBA, Jorge Antonio. **Memórias do clube esportivo e recreativo Atlântico da cidade de Erechim**. Erechim, 2008, p. 33.

⁵² Jornal A Voz da Serra, 11 de novembro de 1938, p.3.

⁵³ CHIAPARINI, Enori José et. al. **Erechim: Retratos do Passado, Memórias no Presente**. Erechim: Graffoluz, 2012. p.170

⁵⁴ CHIAPARINI, Enori José et. al. **Erechim: Retratos do Passado, Memórias no Presente**. Erechim: Graffoluz, 2012. p.173.

novembro de 1938, e estava situado no bairro Três Vendas, bairro industrial na época, onde eram realizadas festas e jogos de bocha e bolão.⁵⁵ O clube Brasil, assim como o Clube Ypiranga não pertenciam ou foram fundados por um grupo étnico específico.

Assim como as demais etnias, os negros que se instalaram em Erechim também sentiram a necessidade de criar um espaço de sociabilidade formal, o Esporte Clube Treze de Maio. De acordo com Pereira,

É nesta conjuntura que é fundado em Erechim uma sociedade de freqüência quase que exclusiva de homens e mulheres negras e de pele escura, (também chamados de mulatos e contemporaneamente de afro-descendentes). A presença negra se faz presente na delimitação de um espaço de convivência que apresenta regras e limites a seus membros e freqüentadores. Os clubes sociais da classe média estavam entre os lugares cujo acesso era difícil para os negros, embora isso nunca estivessem explícitos nos seus estatutos e regulamentos.⁵⁶

Pereira é o primeiro a abordar especificamente o Clube 13 de Maio e sua importância para a população negra de Erechim. As demais obras acerca dos clubes da cidade dedicam-se a descrever os Clubes do Comércio, Atlântico e Caixeiral, dando pouco espaço aos outros clubes.

A formação da cidade de Erechim contou com a participação de índios, caboclos, negros e migração intensa europeia em um contexto positivista de colonização levando a constituição de uma grande rede associativa criada a partir de cada etnia.

⁵⁵ ZAMBONATTO, Aristides Agostinho. **Os Meus Erechim**. Editora São Cristovão, 2000. p.180.

⁵⁶ PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso. p. 48.

3 O Esporte Clube Treze de Maio por meio da imprensa

Tendo a sua formação de base positivista no que diz respeito a distribuição e configuração espacial, e valorização da presença do imigrante durante sua colonização, a historiografia oficial da cidade de Erechim deixa a atuação social do negro em segundo plano. Ainda que alguns autores apontem para a presença negra mesmo antes da fundação da cidade a bibliografia é diminuta. Segundo Pereira, mesmo que as fontes sejam escassas, é possível afirmar a presença de negros na cidade quando esta ainda se chamava Paiol Grande.⁵⁷

Como mencionado no capítulo anterior, alguns autores trazem pequenas contribuições no que diz respeito a presença negra no município de Erechim. Esta invisibilidade⁵⁸, presente na produção historiográfica local, também é percebida nos meios de comunicação escrita do período. Ao analisar os exemplares do jornal local *A Voz da Serra* percebe-se a referência ao negro em poucos momentos. Embora o jornal traga colunas que tratam da questão do racismo nos Estados Unidos, nada é mencionado em relação ao município ou até mesmo ao Estado.

Nas raras vezes em que a população negra é mencionada na imprensa local, durante o período pesquisado, é nas colunas de esportes, mais precisamente nas notícias de campeonatos de várzea, que encontram espaço e são denominados "morenos" ou "mulatinhos" como pode ser visto em uma notícia publicada no jornal *A Voz da Serra*, sobre uma partida de futebol do campeonato de várzea, em que se lê: "Agradou bastante o encontro entre Brancos e Morenos, realizado domingo último, em que os Morenos levaram vantagem de 3 a 0. [...] os Brancos solicitaram revanche a seus adversários. Esta foi aceita pelos "mulatinhos" ⁵⁹. Através da escolha dos termos "morenos" e "mulatinhos" chama a atenção a imprecisão no emprego dos termos, utilizados de maneira intercambiável, tornando possível considerar a preocupação em não destacar a negritude do grupo⁶⁰. Outra notícia, também sobre futebol, intitulada "Nova Partida Entre Brancos e Morenos Domingo na Baixada" relata que após ganhar pelo placar de 3x0, os "mulatinhos" foram convidados para uma revanche, tendo em vista que o time dos "brancos" estava desfalcado. O espaço dedicado a notícia é relativamente

⁵⁷ PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso.

⁵⁸ (N.E) Nas regiões de imigração do Rio Grande do Sul os negros, como grupo social, estão em boa medida invisibilizados como sujeitos históricos. Seja por preconceito ou indiferença, esta invisibilidade pode decorrer de fatores sociais, econômicos, estéticos e principalmente culturais. (GIRON; RADÚNZ, 2012)

⁵⁹ NOVA partida entre brancos e morenos domingo na baixada. **Jornal A Voz Da Serra**, Erechim, p. 4, 10 ago 1951.

⁶⁰ (N.E) Segundo Sansone, as redes sociais urbanas são complexas, formando um sistema "fluido" onde as regras estão sempre mudando. Desta forma, os termos utilizados na classificação do outro variam dependendo da situação. (SANSONE, 2004, p.60).

grande, dando ênfase a escalação dos times mas sem entrar em detalhes sobre quem foram os autores dos gols. O time dos "morenos" é formado por jogadores "de cor" que atuam nos três principais times de futebol na cidade, conforme trata a notícia "Morenos e Brancos voltarão a cotejar na baixada"⁶¹. O resultado da revanche dos "Brancos" também é divulgado no jornal, a matéria que aparece mais detalhada informa a vitória por 3x2 dos Brancos, divulgando a escalação do grupo e afirmando que o resultado do prélio "agradou".⁶²

A população negra de Erechim é pouco representada no jornal e na revista local - ambas pertencentes a família Carraro -, o que provavelmente reflete sua situação na sociedade como um todo. Por receber grande parte de imigrantes europeus durante sua colonização, Erechim tornou-se uma cidade onde a população é predominante branca. Pereira faz uma análise embasada em Piran e defende que a população de imigrantes procurou, por questão de garantias futuras, demonstrar superioridade, impor sua cultura e segregar o negro o caboclo e o índio, que já habitavam as terras do norte gaúcho. Afinal, esses grupos representavam uma ameaça ao seu sustento e conforto.⁶³

Provavelmente devido, em parte, a falta de documentação referente aos negros de Erechim ainda não existem pesquisas específicas sobre essa parcela da população. A principal referência bibliográfica, e que serve como base para produção desta pesquisa é o trabalho de Pereira, que considera a participação da população negra na cidade de Erechim desde sua fundação até a década de cinquenta, auge do Esporte Clube Treze de Maio. Pereira afirma que os negros estabelecidos em Erechim vieram das mais diversas regiões e desempenharam funções variadas, sendo que o motivo para a vinda geralmente estava relacionado à melhoria na condição de vida,

A principal motivação para a migração era uma perspectiva de progresso. A prosperidade, a busca de melhores condições de vida, motivou homens das mais diversas origens a se transferirem para Paiol Grande. Ao chegar aqui casavam constituíam família e se estabeleciam nas mais diversas profissões, seja na construção civil, no trabalho agrícola e no serviço público, como policiais militares, ferroviários, pequenos comerciantes, pintores entre outros.⁶⁴

O autor assegura também que era grande o número de famílias negras na cidade de Erechim na década de cinquenta, e que a maioria residia na região da Vila Operária (atual Av. Farrapos), além de um pequeno número no bairro Matadouro (atual Bairro Progresso).

⁶¹ BRANCOS e morenos voltarão a cotejar na baixada. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 6, 12 ago 1951.

⁶² Os brancos triunfaram na partida revanche. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 4, 14 ago 1951.

⁶³ PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso. p.34.

⁶⁴ PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso. p.41.

Segundo Pereira, esta localização das famílias é uma das características da formação positivista da cidade que deixava essa população a margem do planejamento urbano, visto que os bairros citados se localizam na zona periférica da cidade, onde conforme ideais positivistas o negro e o caboclo, incorporados ao proletariado, deveriam residir.⁶⁵ Esta ideia vai ao encontro dos relatos de uma das entrevistadas, que afirma "onde que moravam os negros? Tem que visualizar por aí, onde que moravam os negros? Eles moravam em periferia. [...] eles jogam os pobres, vão para lá onde não enxergam mesmo"⁶⁶.

Desta forma, ao pensar a configuração espacial urbana da cidade de Erechim torna-se interessante atentar para a localização e distribuição das moradias de seus habitantes, no caso os negros que desde longa data aqui estavam. Suas vivências e organizações associativas, bem como o estabelecimento do Clube, ocorrerá neste espaço ocupado pela maioria da comunidade negra.

Fotografia 1- Vila Operária



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font

Nota: Vila Operária. Da esq. P/ dir.: Mariquinha de Oliveira, Júlia do Nascimento, Ubiratan Dimas da Silva (bebê), Edolinda, Nelci de Oliveira, Atanajara de Oliveira (bebê), Ica do Nascimento; 2ª fila: Carlos Alberto da Silva, Fátima de Oliveira, Luiz Antônio da Silva, Mari Magali da Silva, Mara Vanja da Silva e Paulo Pedro da Silva. Etnia Afro.

⁶⁵ PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso.

⁶⁶ SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

Segundo afirmação de Neuza Garcez, o Esporte Clube Treze de Maio teve três sedes ao longo do tempo:

A primeira sede do Esporte Clube 13 de Maio foi a residência do casal Silva, na rua João Pessoa. A segunda foi no bairro da Usina e a terceira e definitiva sede, foi na Avenida Farrapos. Sede essa adquirida por um grupo de sócios, com escrituras e estatutos totalmente legalizados.⁶⁷

Conforme mencionado, na década de 1950 o número de famílias negras vivendo em Erechim era grande sendo que a maior parte residia na Vila Operária. De acordo com dados do censo deste ano o número de pessoas classificadas como "pretos" na cidade de Erechim era de 2.191, como pode ser visto na tabela abaixo⁶⁸

Quadro 1-População presente por sexo e cor no Município de Erechim em 1950:

Totais		Branços		Pretos		Amarelos		Pardos	
H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
60.267	59.262	57.316	56.450	1.118	1.073	-	-	688	1.605

Fonte: IBGE – Recenseamento Geral de 1950.

Assim como os demais grupos étnicos, a população negra constituiu um espaço para confraternizar com "os seus", um espaço para lazer e cultura, esportes e festas, sentiam a necessidade de formar associações ou grupos onde pudessem criar e estreitar laços.⁶⁹

Ainda em 1947, antes da formação do Esporte Clube Treze de Maio, de acordo com Pereira existia um espaço utilizado para confraternização e reuniões de parte da população negra de Erechim. Tratava-se do "Salão da Sinhá Mariana", na pedreira da Prefeitura

⁶⁷ GARCEZ, Neusa Cidade. Colonização e imigração em Erechim: a saga das famílias polonesas (1900 - 1950). Erechim, RS: [s.n.], 1997, p.30.

⁶⁸ (N.E) Aqui é importante frisar que embora os dados do IBGE sirvam de base para a verificação do número de negros na cidade, ela não pode e nem deve ser tomada como verdade absoluta, mas precisa ser problematizada. As categorias etno-raciais utilizadas pelo IBGE não abrangem o complexo sistema de classificação racial do Brasil, uma vez que, como refere Sansone trata-se de "um sistema fluido cujas regras estão sempre sujeitas a mudanças". (SANSONE, 2003, p. 61) Desta forma, o número de pessoas com ascendência africana poderia ser maior.

⁶⁹ (N.E) Segundo Gomes mesmo durante o período da escravidão os negros já procuravam formas de estabelecer e fortalecer laços entre os seus, "o associativismo negro não é um fenômeno identificável somente após o pós abolição" (GOMES, 2008, p.61). Inúmeros trabalhos acerca da escravidão no Brasil refletem a organização dos escravos e libertos em associações, especialmente irmandades, que conferiam a seus membros, espaços de autonomia, construção de identidade.

Municipal. Propriedade de Maria e Fabiano dos Santos, o local era considerado "de respeito", "de família", onde só se entrava com convite e os frequentadores seguiam regras de convivência e conduta que se mostravam severas. Os bailes e matinês⁷⁰ eram frequentados por negros em sua grande maioria, e as pessoas desconhecidas dos proprietários não participavam. Além dos bailes, o "Salão da Sinhá Mariana" era famoso por seus pastéis, o que atraía pessoas de diversas partes da cidade. Entretanto as atividades do Salão foram encerradas em 1953 devido a morte do proprietário.⁷¹

Embora não existam maiores informações sobre o "Salão da Sinhá Mariana" trata-se de uma "primeira experiência" de local de reunião, de base familiar, que apresentava regras rígidas de comportamento e presença de maioria negra. Percebe-se que estas exigências se estenderam para o Clube Treze de Maio.

Como analisado no primeiro capítulo, a sociedade erechinense, desde muito cedo, organizou-se em associações de acordo com sua etnia formando, desta maneira, clubes italianos, alemães, poloneses entre outros. Da mesma forma a população negra da cidade cria, em 16 de dezembro de 1949, em Erechim, o Esporte Clube Treze de Maio. Conforme a declaração de entrevistados, o espaço fez-se necessário devido ao preconceito racial, que os impedia de frequentar os demais espaços de sociabilidade existentes no município. Uma das entrevistadas quando questionada sobre qual o motivo que levou a formação do clube, se a constituição deste se devia à uma sociedade mais fechada ou à iniciativa de um grupo, respondeu:

Uma sociedade mais fechada, com certeza. Esse ato, eu lembro muito bem que até inclusive os meus avós falavam que eles não tinham uma liberdade, eles iam se divertir aonde? Eles não podiam entrar nos clubes. Eles eram barrados. E aí a questão era o que eles iriam fazer? E aí buscaram auxílio e foram em busca de realmente fazer e consolidar um clube onde eles pudessem se divertir, seus filhos né, enfim os jovens, as pessoas pudessem se divertir. Foi disso.⁷²

A necessidade de criação de um clube para se divertir também é referida por Fabrício Romani Gomes em *Associativismo negro em Caxias do Sul*. O autor faz algumas considerações sobre as primeiras organizações negras surgidas na cidade de Caxias do Sul e, constata que lá, também, o preconceito racial foi um dos fatores responsáveis pela formação dos primeiros clubes de negros. Segundo Gomes:

⁷⁰ (N.E) Reunião social que se realiza na parte da tarde, baile que começa e termina cedo.

⁷¹ PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso. p.49.

⁷² SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

Percebe-se que a discriminação racial foi uma das motivações do grupo negro em Caxias para a formação de associações. Dessa forma, em 12 de dezembro de 1933, algumas mulheres negras da cidade se empenham na formação de uma associação, de um clube, o Clube das Margaridas.⁷³

Apesar do autor tratar especificamente da cidade de Caxias, o tema de sua pesquisa se aproxima do associativismo negro em Erechim em vários aspectos, e pode ajudar na compreensão da realidade vivenciada pela comunidade negra da cidade. Da mesma forma, também colabora na análise de sua relação com a sociedade. Como já abordado, grande parte da população que colonizou Erechim é procedente das antigas colônias, entre elas Caxias do Sul, sendo assim, é possível estabelecer relações entre as cidades de Erechim e Caxias e empregá-las na tentativa de compreender parte da sociedade local.

De acordo com Gomes, em Caxias do Sul as associações negras surgem um pouco antes, ainda na década de 1930 quando fundados o Clube das Margaridas e o Sport Clube Gaúcho, sendo que o Clube das Margaridas era só de mulheres.

Em Erechim este processo demora um pouco mais, apenas no ano de 1949 é fundado oficialmente um clube de negros⁷⁴ como forma de reunião de um grupo, criando integração e vínculos entre os sócios e frequentadores. Neste espaço foi possível estabelecer relações e fortalecer laços, buscando a oportunidade de permanecerem "entre os seus", através do qual foi possível reconhecer a identidade do grupo. Conforme analisado por Silva: “a(s) identidade(s) negra(s) é concebida [...] como uma identidade de base racial, de afirmação de sua origem e conseqüentemente, sua raça [...]”⁷⁵.

Sendo assim, o Esporte Clube Treze de Maio

[...] foi um clube social, recreativo e esportivo, como rezam os estatutos, onde os negros, e não os brancos, é que davam as ordens. Numa sociedade que, de modo geral, reserva para os negros os degraus inferiores da escala social e, em conseqüência, associa-lhes valor, comportamentos, estereótipos próprios de uma condição subalterna. Foi essa sociedade uma das maneiras de perceber a condição do negro na sociedade brasileira em particular a sociedade erechinense.⁷⁶

⁷³ GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p. 7.

⁷⁴ (N.E) Refere-se aqui a existência formal de um espaço com Estatuto, atas, registro junto a Prefeitura.

⁷⁵ SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços**: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). Porto Alegre, 2011. Dissertação. (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós Graduação em História, PUCRS. p. 30.

⁷⁶ PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim**: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso. p.48

Embora o artigo 10º do Estatuto do Esporte Clube Treze de Maio afirme que "Não se fará distinção de raças e nacionalidades para admissão de sócios"⁷⁷ percebemos, através das entrevistas, que nos primeiros anos existia uma resistência em aceitar sócios "brancos". Conforme relata uma das entrevistadas:

O pessoal, eles tinham uma cultura de que só os negros entravam, mas isso na década de oitenta já não era, já frequentavam outras famílias. Mas até ali no final da década de sessenta ainda permanecia aquela raiz de que somente os negros entrariam no Clube. Até perguntei para a minha mãe para o meu avô, na época ainda ele estava vivo, minha avó né, eu notava assim aquela... tipo um rancor também porque eles sofreram muito em relação a pele, em relação a postura racista. Eu vejo que isso ajudou muito nessa coisa de direcionar somente para os negros, como os clubes também direcionavam somente para as etnias deles e aí eles direcionavam só para isso.⁷⁸

Podemos perceber também através das entrevistas que os esforços para a construção do Clube foram grandes, envolvendo os sócios, que utilizavam os sábados e domingos para construir a sede. Antonio Dario afirma:

Eles queriam fazer o clube [...] ali só que não tinham dinheiro para comprar terreno, não tinham dinheiro para isso aí. Essa, uma mulher que eu nem sei o nome da mulher, não está na escritura o nome da mulher e nem nada, essa mulher comprou o terreno e deu para o Treze de Maio, só que para fazer o estatuto que ninguém podia vender sem... Tinha que dar de presente para outro [...]. Daí eles começaram a trabalhar no sábado e no domingo, a vim fazer, levaram tempo para fazer o Treze não sei se tu sabe?⁷⁹

Conforme assegura um dos entrevistados o terreno para a construção da sede definitiva foi fruto da doação de uma senhora, esta, ao doar o terreno, fez a exigência de que o mesmo não fosse vendido e, se por ventura algum dia o clube viesse a fechar as portas, o terreno seria doado a outra instituição. Segundo consta no Estatuto do Clube Artigo 6º "[...] no caso de dissolução todo o montante de seus bens será depositado em um instituto de beneficência."⁸⁰

A construção da sede própria demandou esforços coletivos da comunidade, assim como doações e apelos políticos, estes nem sempre atendidos. Podemos acompanhar através do jornal local que a expectativa em torno da construção da sede própria foi grande entre os

⁷⁷ Estatuto Esporte Clube Treze de Maio, Capítulo 1º, Artigo 10º, p.4.

⁷⁸ SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

⁷⁹ FRANÇA, Antônio Dario. **Antônio Dario França**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Aldori Nascimento da Silva. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

⁸⁰ Estatuto Esporte Clube Treze de Maio. Capítulo 1º, Artigo 6º, p. 3.

associados, "Reina grande entusiasmo entre os associados do Clube 13 de Maio, para a construção da sua sede própria [...]"⁸¹.

É possível perceber diferentes épocas e momentos na trajetória do Esporte Clube Treze de Maio nas notícias que encontraram espaço no jornal local *A voz da Serra*. Estas "etapas" podem ser divididas em três, sendo que a primeira pode ser tratada como o etapa "do futebol", pois até novembro de 1951 as únicas citações referentes ao clube estão ligadas ao futebol de várzea. A segunda etapa pode ser classificada como a "das festas", de dezembro de 1951 até 1954 neste momento o Clube encontra espaço nos jornais através da divulgação das festas que realiza e que são "famosas" na cidade⁸². E, finalmente, a terceira etapa, a sede, em 1955 e 1956 a construção da sede ganha destaque. Após este período as notícias são cada vez mais escassas, até cessarem por completo. Vejamos os três períodos mais detalhadamente.

A pesquisa nos exemplares do *Jornal A Voz da Serra*, feita a partir do ano de 1951⁸³, mostra que o Clube ganhou espaço na imprensa local através do futebol. A página de esporte geralmente dedicava algum espaço para o "futebol de várzea", trazendo informações sobre o campeonato de futebol local. O time de futebol do Esporte Clube Treze de Maio tem sua primeira aparição nos exemplares disponíveis para consulta com a notícia: "União Erechim, Jacinto Godoy, Botafogo e 13 de Maio, os vencedores da primeira rodada do varzeano."⁸⁴ A notícia faz um apanhado geral do resultado dos jogos da primeira rodada divulgando a escalação de cada time e também o resultado de cada partida. Na ocasião o Esporte Clube Treze de Maio venceu o Brasil por 2x0. O próximo apontamento referente ao Clube também é relativo ao futebol, "O 13 de Maio passou a liderar sozinho o campeonato varzeano"⁸⁵. Com uma nota relativamente grande, a notícia divulga o placar dos jogos da segunda rodada do campeonato varzeano local, além da escalação dos times, nesta partida o Treze de Maio venceu o Flamengo, de Capo-Êre, pelo placar de 3x0. Após esta nota o time de futebol do Esporte Clube Treze de Maio só volta a encontrar espaço nas páginas do jornal no ano de 1956. Na foto a seguir temos a equipe de futebol do Clube.

⁸¹ SEDE para o 13 de Maio. **Jornal A voz da Serra**, Erechim, p. 2, 13 de jan 1955.

⁸² (N.E) Os entrevistados afirmam que as festas realizadas no clube eram famosas na cidade.

⁸³ (N.E) Não há exemplares do jornal referentes aos anos de 1949 e 1950 no acervo do Arquivo Municipal Juarez Miguel Illa Font.

⁸⁴ UNIÃO Erechim, Jacinto Godoy, Botafogo e Treze de Maio, os vencedores da primeira rodada do varzeano. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 4, 18 set 1951.

⁸⁵ O 13 passou a liderar sozinho o campeonato varzeano. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 4, 25 set 1951.

Fotografia 2 - Equipe principal de futebol do Esporte Clube Treze de Maio



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.

Nota: da esq. P/ dir.: podemos identificar o presidente do clube, Sr. Arlindo da Silva e ao seu lado, o Sr. João Maria Alves Pereira. Ano:1952/1953.

Usar o futebol para conquistar maior espaço na sociedade foi um dos recursos utilizados pelos negros, assim como o Treze de Maio, outros clubes também se valeram do futebol para facilitar a aproximação com outras entidades. O clube Gaúcho de Caxias é um exemplo, Gomes afirma que "o time de futebol do Clube Gaúcho participou de campeonatos organizados pelo próprio clube e por outras entidades. Eram oportunidades para o convívio com os outros, fora do espaço físico do clube".⁸⁶

A partir de dezembro ano de 1951 outras atividades do Clube começam a ganhar espaço no referido jornal, as festas. No exemplar de 20 de dezembro de 1951 é destinado um espaço para relatar as comemorações do segundo aniversário do Clube⁸⁷. Uma pequena notícia, de pouco mais de 60 palavras, relata que a agremiação festejou seu segundo aniversário oferecendo uma mesa de frios e bebidas a seus associados e atletas, destacando alguns dos presentes. "Aos atletas e sócios do clube, foi oferecida uma lauta mesa de frios e

⁸⁶ GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p.144.

⁸⁷ (N.E)Como o Arquivo Municipal Juarez Miguel Illa Font não dispõe dos exemplares do ano de 1950 não foi possível verificar se o aniversário de um ano de fundação do Clube foi noticiado na imprensa escrita.

bebidas, falando na ocasião o Sr. Edmundo Palhano Sobrinho; Sr. José Mandelli Filho, prefeito Municipal eleito; Sr. Pedro Caetano, presidente da entidade, e um operário.⁸⁸

Quase um ano após o apontamento do aniversário do Clube outro espaço do jornal é dedicado a entidade, desta vez anunciando o concurso de rainha da primavera. Embora o baile tenha ocorrido no dia 18 de outubro de 1952, a notícia só ganhou as páginas do jornal quase dois meses depois, no dia 07 de dezembro. Localizada na segunda página, a nota destaca o "grandioso baile" promovido pela diretoria do Clube, "que não poupou esforços para proporcionar a seus associados uma noite especial"⁸⁹. A coroação da senhorita Lourdes de Oliveira contou com trono cuidadosamente ornamentado.⁹⁰ Esta é a única notícia referente ao Clube Treze de Maio encontrada no jornal que se faz acompanhada de uma fotografia. Abaixo a fotografia publicada no jornal.

Fotografia 3-Rainha da Primavera



Fonte: Jornal A voz da Serra, 07 de dezembro de 1952, nº 31, p.2.

⁸⁸ FESTEJADO o segundo aniversário do E. C. 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 4, 20 dez 1951.

⁸⁹ CONCURSO rainha da Primavera. **Jornal A voz da Serra**, Erechim, p. 2, 07 dez 1952.

⁹⁰ CONCURSO rainha da Primavera. **Jornal A voz da Serra**, Erechim, p. 2, 07 dez 1952.

Ainda no ano de 1952, apenas três dias após noticiado o baile de coroação da rainha, mais uma vez o clube está presente no jornal. Agora o foco é o baile de gala para a comemoração de mais um aniversário, novamente afirmando que a diretoria não poupou esforços para a realização do evento e informando que o baile de gala será animado por um excelente "Jazz-Típica". O Clube agora é tratado como representante do "futebol menor". Embora assegure que personalidades destacadas estarão presentes, o jornal não traz maiores detalhes. Por fim, a nota nos informa que o clube havia convidado os diretores do jornal para a festa de aniversário, pois A Voz da Serra agradece à diretoria do Esporte Clube treze de Maio o honroso convite⁹¹.

O ano de 1953 passa em completo "silêncio", não havendo ao menos uma pequena nota em relação ao clube. Não são mencionados os bailes, festejos ou qualquer outro informe sobre a associação. Porém um evento realizado nos últimos dias de 1953 é destaque em um dos primeiros exemplares do ano seguinte.

Na primeira semana de 1954 o Clube ganha espaço em dois momentos distintos em um mesmo exemplar, durante os anos pesquisados esta é a única vez em que duas notícias envolvendo o Esporte Clube Treze de Maio aparecem em uma mesma edição, e é possível que o destaque se deva mais à participação de políticos na festa do que ao Clube em si, afinal, a nota não faz referência aos detalhes da festa apenas destaca os convidados de honra. A matéria diz:

"[...] Depois de uns giros pela cidade o jeep foi ter à Sociedade 13 de Maio, onde estava se realizando o baile de posse da Diretoria, cujo Presidente de Honra é o Dr. Flory Lamaison Rosa. no recinto de festa encontravam-se presentes destacadas figuras da sociedade local, Prefeito, imprensa escrita e falada, associados e simpatizantes.

Inicialmente usou a palavra o Dr. Flory Rosa, seguindo-se do Sr. Edmundo Palhano Sobrinho, orador oficial da sociedade. Em nome de "A Voz da Serra" e da municipalidade falaram os Srs. Tenente Venâncio Conte e Prefeito Mandelli Filho, respectivamente.

Já eram altas horas da madrugada quando a reportagem volante, sob a direção do radialista Euclides Tramontini deixava aquela agremiação social, juntamente com as pessoas especialmente convidadas."⁹²

Na mesma edição os bailes de encerramento do ano de 1953 são noticiados e relatam as festividades nos mais diversos clubes da cidade. São citados: Atlântico, Ipiranga, Caixeiral e Treze de Maio. A notícia, relativamente grande, diz:

⁹¹ BAILE de gala no E. C. 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 4, 10 dez 1952.

⁹² O serviço volante da rádio Erechim visitou o clube 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 4, 03 jan 1954.

"Assinalando o desfecho derradeiro do ano de 1953, a sociedade erechinense, reuniu-se nos diferentes clubes da cidade, para participar de elegantes reuniões dançantes.

Acolhendo um número relativamente elevado de dançarinos o Ipiranga proporcionou momentos de vibrante entusiasmo à todas as pessoas que se encontravam presentes, divertindo-se sob os ritmos melodiosos, criados pela batucada regida pelo maestro Osvaldo Engel.

O salão cheio de luzes iluminava as dependências completamente tomadas, colocando o baile em apreço entre os mais animados já realizados em nossa cidade.

A noitada dançante já se prolongava pelo ano de 1954 quando os pares começaram a deixar a pista de danças.

No clube Atlântico, as danças seguiram uma sequência de acentuada animação evidenciando um acontecimento social de destaque aliado a ampla colaboração dos associados que compareceram em massa superlotando as galerias, além da numerosa afluência existente no recinto de danças e nas mesas que circundam o salão.

A orquestra comandada pelo maestro Ernesto Kreische sobrinho, apresentou-se melhorada, o que sem dúvida assegurou um sucesso retumbante.

Pessoas de destaque se locomoveram até as dependências do Odeon Serrano emprestando ao aludido baile um brilho excepcional notadamente nas primeiras horas cujo entusiasmo superou as expectativas.

Na madrugada do dia primeiro, quando nosso cronometro assinalava 4 horas, o baile foi encerrado.[...]

O Clube 13 de Maio se impôs pela atmosfera de alegria intensa e espontânea que paira entre seus filiados, conquistando fartos elogios das pessoas que lá estiveram. Na ocasião foi empossada a nova diretoria que tem como Presidente de Honra o Dr. Flory Lamaison Rosa."⁹³

Podemos perceber que o espaço destinado ao Treze é relativamente menor que o concedido aos demais. As duas notícias referentes ao baile de fim de ano do Esporte Clube Treze de Maio destacam a presença do Presidente de Honra⁹⁴ e também dos demais convidados, que ganham evidência na segunda nota, como o tenente e o prefeito da cidade, enquanto os outros clubes são lembrados pela beleza do salão, elegância de seus frequentadores, pelo grande número de pessoas e também pelos maestros e músicos que tocaram. É provável que a maioria dos leitores do jornal tenha interesse em matérias acerca dos demais clubes, que acabam ganhando mais espaço, o que pode explicar a publicação quase diária de notas e matérias que fazem menção aos mesmos.

Durante o ano de 1954 as notícias são sempre relativas as festas e bailes realizados no Clube, como é o caso do baile promovido pela entidade em comemoração ao dia 13 de maio. Nesta ocasião, segundo o jornal, o senhor Sergio Barcelos da Cruz realizou uma fala sobre o significado do dia 13 de maio. É destaque o encantamento do baile e a música de qualidade

⁹³ ENCERRADO o ano de 1953 com esplêndidas noitadas dançantes. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p.4, 3 jan 1954.

⁹⁴ (N.E) O título de Presidente de Honra é concedido a uma pessoa de destaque na sociedade e tem o objetivo de valorizar o Clube e aproximá-lo de pessoas importantes. O mesmo acontece com outros clubes ao analisar o clube Gaúcho. Gomes afirma que "o clube terá entre os membros da diretoria a figura simbólica do Presidente de Honra, [...] será um "título" concedido a pessoas importantes da cidade com o objetivo de aproximá-las, para estabelecer algum tipo de vínculo com essas pessoas. (GOMES, 2008, p.134)

que é oferecida aos frequentadores, também faz menção a "numerosíssima" família pertencente ao clube.⁹⁵

Embora poucas, as matérias publicadas entre os anos de 1951 e 1954 são sempre alusivas aos bailes realizados. As publicações destacam "a beleza", "a grandiosidade", "a boa música" presentes nas festas realizadas por esta associação. O jornal enfatiza também o esforço dos dirigentes para dar prestígio aos eventos realizados. Contudo, o espaço ocupado pelo Esporte Clube Treze de Maio nas páginas do jornal *A voz da Serra* é relativamente pequeno quando comparado à outros clubes da cidade, como Atlântico, Ipiranga e Caixeiral, que possuem uma certa constância nas publicações referentes a seus respectivos clubes.

No ano de 1955 começa outra etapa da associação, a construção da nova sede. As notícias relativas ao Esporte Clube Treze de Maio ganham outro foco a partir de janeiro deste ano. Intitulada "Sede para o 13 de Maio" a primeira nota sobre a construção da sede própria do Clube classifica como "elogiável" a iniciativa de Edmundo Palhano Sobrinho e lembra a existência de uma lista para adesões para o "erguimento da sede própria" além de informar o recebimento de madeira para a construção da sede⁹⁶.

No mês de março seguem as notas em relação à construção da sede, desta vez madeireiros de Campinas, Erebangó, Jacutinga e Quatro Irmãos são colocados como colaboradores através da doação de madeira para a edificação do Clube. A nota afirma ainda que os senhores Estevam Carraro⁹⁷, José Mandelli Filho⁹⁸, Ângelo Emilio Grando, João A. Franklin da Silva, Fausto Demoliner⁹⁹, Benevenuto Faccin, Euclides Tramontini¹⁰⁰, Santos S. dos Santos e Salvador Donida passam a ser considerados sócios beneméritos da entidade¹⁰¹.

Estabelecer ligações com pessoas da imprensa, comércio e indústria foi uma das formas encontradas para aumentar a importância e conferir prestígio ao Clube perante a cidade. Esta situação também é verificada no clube Gaúcho de Caxias do Sul, Gomes afirma que "os integrantes do clube conseguiram aumentar sua rede de relações. Esse relacionamento com os políticos locais propiciou um aumento no status do grupo, que em diversas ocasiões assumiu as negociações com esses políticos."¹⁰² Ao aproximar-se de políticos, jornalistas,

⁹⁵ ANIMADO baile promoveu o E. C. 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 4, 24 de maio 1954.

⁹⁶ SEDE para o 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 2, 13 jan 1955.

⁹⁷ (N.E) Proprietário do jornal *A Voz da Serra*.

⁹⁸ (N.E) Tabelião e Prefeito eleito de Erechim entre 1960-1963.

⁹⁹ (N.E) Industrial de Erechim.

¹⁰⁰ (N.E) Radialista na Rádio Erechim.

¹⁰¹ SEDE própria para o 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 4, 29 mar 1955.

¹⁰² GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p.137.

radialistas, comerciários e industriários o Clube e seus dirigentes aumentaram o seu prestígio e buscaram o reconhecimento da entidade junto à sociedade erechinense.

De acordo com o jornal, os dirigentes do Clube tentaram auxílio com o governo do Estado para a construção da sede durante a administração Ernesto Dornelles¹⁰³. Na notícia intitulada "Negado auxílio ao E. C. 13 de Maio" é possível perceber que houve a promessa de doação, por parte do Estado, do valor de Cr\$ 30.000,00 para colaborar na construção da sede. A diretoria do Clube recebe a seguinte correspondência de Leonel Brizzola, então Secretário das obras públicas,

Tenho a satisfação de comunicar que o senhor governador referendou o decreto abrindo crédito de trinta mil cruzeiros da verba do plano de obras, devendo esta entidade entrar em entendimento com a Exatoria Estadual afim de estabelecer convenio. Saudações. Leonel Brizola, Secretário das obras pública.¹⁰⁴

No entanto, o dinheiro não chegou e, com a troca de governo, outra correspondência é enviada, desta vez direcionada a Estevam Carraro, do jornal A Voz da Serra. O telegrama acaba com as esperanças da diretoria do Clube Treze de Maio. Este telegrama apresenta o seguinte texto: "Informo ao prezado amigo que o auxílio de trinta mil cruzeiros em favor do Clube 13 de Maio teve registro negado pelo Tribunal de Contas, em virtude de contrariar a lei. Peço transmitir ao presidente do clube. Sds, Adail Morais, Secretário do Governo"¹⁰⁵. Segundo o jornal Edmundo Palhano Sobrinho demonstrou grande descontentamento pela "demagogia manifesta no governo trabalhista" que, "graças aos céus acabou em nosso Estado"¹⁰⁶. Esta notícia ganhou destaque no exemplar de 21 de abril de 1955 saindo na primeira página da edição. Destaque este que pode ser entendido uma vez que, como referiu o próprio jornal, Estevam Carraro, seu proprietário, era sócio benemérito do Clube, o que nos ajuda a analisar o espaço concedido ao Clube nas páginas do Jornal.

A construção da sede continua a ser divulgada, agora com o apelo do presidente do Clube, que mais uma vez menciona a quebra da promessa de auxílio do governo e recorre ao "bom povo erechinense". Solicita que o povo colabore com o que for possível afim de que a sede se concretize:

Em face de haver sido negada ao 13 de Maio a importância de Cr\$ 30.000,00 para construção de sua sede conforme já foi publicado, faço um apêlo ao bom povo erechinense, à Industria, ao Comércio, às classes liberais no sentido de que

¹⁰³ (N.E.) Ernesto Dornelles foi Interventor Federal no Rio Grande do sul entre os anos de 1943-1945; Governado- pelo PTB- eleito em Sufrágio Universal entre 1951- 1955.

¹⁰⁴ NEGADO auxílio ao 13 de Maio.. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 1, 21 abr 1955.

¹⁰⁵ NEGADO auxílio ao 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 1, 21 abr 1955.

¹⁰⁶ NEGADO auxílio ao 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 1, 21 abr 1955.

colaborem com o 13 de Maio. oferecendo-lhe qualquer coisa que sirva para a construção de sua sede, como pregos, madeiras e donativos em dinheiro, enfim o que estiver ao alcance de cada um, pois o 13 de Maio é uma entidade essencialmente operária e não dispõe de recursos para construir sua sede social. Os operários são os heróis anônimos que constroem a grandeza do país trabalhando árdua e honestamente e por isso é justo que recebam o auxílio das classes abastadas afim de que possam erguer um prédio onde farão seu ambiente social.

Esperando que todos compreendam o sentido dêste apêlo, agradeço a colaboração em nome dos operários filiados ao 13 de Maio. EDMUNDO PALHANO SOBRINHO _ Presidente.¹⁰⁷

O Presidente do Clube destaca que os sócios do Treze de Maio são trabalhadores e não possuem recursos financeiros para erguer o local "onde farão seu ambiente social" e que são estes homens os responsáveis pela construção do país, justificando que "recebam auxílio das classes abastadas"¹⁰⁸. Nesta que é a última informação obtida através do jornal sobre a construção do clube percebemos a intenção de mostrar os sócios do Clube como homens de valor, "trabalhadores que constroem a grandeza do país". O presidente do Clube procura positivar a imagem dos sócios através do adjetivos utilizados.

A próxima nota divulgada será: "Inaugurada a Sede do 13 de Maio" com destaque, mais uma vez, para a presença de autoridades políticas e militares. O texto enfatiza a importância de Edmundo Palhano para a construção da sede além de informar a doação de um quadro da Princesa Isabel, realizada pelo Sr. Minotti Gali Falseta que será inaugurado em trinta dias, na posse da nova diretoria.¹⁰⁹ Aqui se encerra mais uma etapa do Esporte Clube Treze de Maio, agora com sede própria.

Nas notícias divulgadas no jornal entre os anos de 1955 e 1956 relacionadas a construção da sede do clube é possível perceber o quão árdua foi esta etapa, e quais elementos foram acionados para dar destaque à importância da sede a seus associados e a comunidade em geral. Em quase todos os textos pode-se notar a tentativa de evidenciar o trabalho, mostrando os sócios como parte do operariado humilde da cidade. Esta valorização do trabalhador se faz presente em trechos como: " o clube operário por excelência"¹¹⁰, "o 13 de Maio é uma entidade essencialmente operária [...]. Os operários são heróis anônimos"¹¹¹. Fazendo a relação entre o sócio do Clube e o trabalhador humilde que impulsiona o país Edmundo Palhano Sobrinho procura positivar a imagem das pessoas ligadas ao Clube perante os leitores do jornal.

¹⁰⁷ APELO do presidente do 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 1, 24 jun 1955.

¹⁰⁸ APELO do presidente do 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 1, 24 jun 1955.

¹⁰⁹ INAUGURADA a sede do 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 4, 18 abr 1956.

¹¹⁰ NEGADO auxílio ao 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 1, 21 abr 1955.

¹¹¹ APELO do presidente do 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 1, 24 jun 1955.

A questão política também é acionada, e o clube ganha a primeira página do jornal através da notícia de negação do auxílio para a construção do prédio. Podemos entender este espaço de destaque através de duas hipóteses. Na primeira, é possível pensá-la como um ataque político direto, onde jornal e governo assumem posições político/partidárias opostas, e desta maneira a primeira página teria a intenção de atingir o governo, mesmo que chegando apenas ao eleitorado local. A segunda hipótese se refere ao proprietário do jornal que, por ser sócio benemérito do Clube, tem interesse em que este consiga construir seu prédio, e desta forma enfatiza as dificuldades encontradas pela associação.

Durante os anos de 1955 e 1956 algumas outras publicações continuam a ser feitas com foco variado. A comemoração do dia 13 de maio, considerada a "grande data da abolição", é feita em um programa de rádio (ZYF7 - rádio Erechim) com participação do professor Hugo Ramirez que fez uma explanação sobre o que foi a escravidão no país e mostrando a "influência" do negro na sociedade. Estavam presentes no programa além do presidente do Clube, Edmundo Palhano Sobrinho e uma senhora negra de 102 anos de idade que foi homenageada e recebeu diversos presentes, entre eles uma imagem de Nossa Senhora Madalena. Em nenhum momento o nome desta senhora é mencionado pelo jornal que destaca os demais presentes.¹¹²

Em 1957 o jornal noticia que foi empossada a nova diretoria do 13 de Maio, assim constituída:

Presidente de Honra: José Mandelli Filho - Presidente: Arlindo Silva - Vice Presidente: Antonio F. Lima - 1º Secretário: Feliciano José Ribeiro - 2º Secretário: Cicero Mariano - 1º Tesoureiro: Pedro Maciel - 2º Tesoureiro: Francisco Teles - Orador Oficial: Dr. Flory L. Rosa.
O Conselho Deliberativo ficou formado pelas seguintes pessoas: Antonio Ribeiro, Joaquim Miranda, Sadi Silva e José Boeno.
Ala feminina: Diretora: Teodora Silva Dica e Arlete Silva.
Diretor Esportivo: João Maria.¹¹³

As informações trazidas pela nota são ricas no que se refere à organização do Clube. Envolvendo o total de 14 pessoas, a diretoria de 1957 contava com a participação de 12 homens, ligados diretamente com os cargos de maior destaque, como presidente, vice-presidente, tesoureiro, e duas mulheres responsáveis pela ala feminina. Como veremos no capítulo três, essa organização se fazia necessária e demonstrava a grandeza e importância do Clube para a sociedade de Erechim, especialmente sua comunidade negra.

¹¹² APELO do presidente do 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 1, 24 jun 1955.

¹¹³ EMPOSSADA nova diretoria do 13 de Maio. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, p. 6, 3 jan 1957.

4 UMA SOCIEDADE "EMINENTEMENTE BRASILEIRA"

Os documentos deixados pelo Esporte Clube Treze de Maio são escassos e incompletos. Para tentarmos vislumbrar parte de seu passado foi preciso atentar para os pequenos detalhes, os "rastros" e "indícios" foram essenciais. Para tanto foi primordial lançarmos mão do paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg, que nos possibilitou fazer alguns apontamentos a partir de detalhes sutis, "não necessariamente, só o que é típico [...] vai levar a caracterização de um fenômeno ou de um processo [...] – o marginal, o negligenciável– [...] constitui um caminho mais rico e produtivo, embora mais acidentado [...]"¹¹⁴Trabalhamos com resíduos de fontes que nos permitiram uma aproximação com o vivido e nos forneceram informações acerca do Clube e de seus associados.

Em 16 de dezembro de 1949 o Esporte Clube Treze de Maio, conhecido na cidade como o clube dos negros, iniciou oficialmente suas atividades. Nos primeiros anos o Clube se dedicava a prática do futebol, aos bailes e as festas que o tornaram conhecido na cidade. No entanto o Clube tinha finalidades que iam além de proporcionar um espaço de sociabilidade. É por meio dele que parte da população negra de Erechim, através dos laços formados, encontrava espaço para enfrentar a segregação racial, o que também acontecia em outros clubes, como o Gaúcho fundado em 1934 na cidade de Caxias onde

[...] o relacionamento dentro do grupo étnico negro auxilia na identificação dos problemas comuns, enfrentados muitas vezes no dia a dia pelos seus integrantes. Unidos os negros tem força para suportar e enfrentar práticas racistas e segregacionistas [...]"¹¹⁵.

Embora conhecido na cidade como pertencendo aos negros, em momento algum o Estatuto do Esporte Clube Treze de Maio faz referência à restrições quanto a presença de brancos no Clube, ou afirma ser esta uma sociedade apenas para negros. Para ajudar a compreender essa situação é possível fazer uma comparação com o Clube Gaúcho. Segundo Gomes também este clube:

Em nenhum momento, em seus estatutos, existe algum artigo que diga que o clube é de negros ou que só pode ser freqüentado por negros. A existência de um artigo nos estatutos do clube, dizendo que esse se destinava somente aos negros, poderia impedir sua existência. Se isso ficasse exposto, o clube poderia ser visto como uma organização do movimento negro, por exemplo, o que não era permitido. Sendo

¹¹⁴ TINEM, Nelci; BORGES, Lucia. Ginzburg e o paradigma indiciário. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM. p.5.

¹¹⁵ GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História p. 70.

assim, durante os seus primeiros anos de existência, dizer que o Clube Gaúcho era um clube de negros poderia acarretar o seu fechamento.¹¹⁶

Desta forma, declarar-se exclusivo para os negros poderia acarretar problemas para esta associação erechinense. Talvez, a situação fosse ainda mais complexa pois também é possível que a ausência de um artigo declarando que apenas os negros frequentassem o Clube abrisse uma brecha para que brancos pudessem se associar. Não barrar por completo a presença de brancos poderia ser uma questão estratégica. Permitir a entrada e a associação de pessoas brancas que pudessem de alguma forma conferir maior prestígio ou benefícios ao Clube Treze de Maio não parece algo absurdo visto que acontecia em outros clubes, como o clube Cruzeiro do Sul fundado na cidade de Novo Hamburgo. Magalhães afirma que no Cruzeiro:

A seleção dos participantes brancos evidencia a percepção dos integrantes do Cruzeiro sobre a relevância dos contatos e das relações políticas entre a associação e as autoridades locais. Estabelecer parcerias e alianças com personalidades locais era uma das estratégias adotadas pelas organizações de negros [...].¹¹⁷

Há também a possibilidade da existência de casamentos mistos entre os sócios desta forma a restrição completa da entrada de brancos no Clube não se torna viável restringindo a participação de prováveis sócios. Em relação ao Clube Treze de Maio existe ainda uma particularidade quanto a presença ou não de brancos. Edmundo Palhano Sobrinho, um dos fundadores do Clube, não era negro, o que provavelmente é um dos motivos para a aceitação de alguns brancos no Clube. Mas afinal, quem eram estas pessoas que no fim da década de quarenta se uniram com o objetivo de formar um Clube para os negros de Erechim? O Diário da Justiça informa que:

São sócios fundadores: Edmundo Palhano Sobrinho, casado, brasileiro, funcionário público; Doravone Rodrigues dos Santos, casado, brasileiro, tipógrafo; Antônio Lima, casado, brasileiro, carpinteira; Arlindo da Silva, casado, brasileiro, pedreiro; Osorio Alves Pereira, solteiro, brasileiro, pedreiro; Doralicio da Silva Oliveira, casado, brasileiro, operário; João Maria Alves Pereira, solteiro, brasileiro, pedreiro; José Claudio Villela, casado, brasileiro, pedreiro; Pedro Albino Vianna, casado, brasileiro, mecânico; Alberico Passos, casado, brasileiro, industrial; Antônio Mariano da Silva, casado, brasileiro, operário.¹¹⁸

e ainda:

¹¹⁶ GOMES, Fabricio Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, p.113

¹¹⁷ SILVA, Joselina. A união dos homens de cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos afro-brasileiros**, n.2, p.215-235, 2003. p.219.

¹¹⁸ Diário da Justiça, (1949?). Acervo particular de Margarete Fátima da Silva.

São Membros da diretoria atual: Presidente: Arlindo Silva.
 Vice-Presidente: Antônio Mariano Silva.
 1º Secretário: Doravone Rodrigues dos Santos.
 2º Secretário: Antônio Lima.
 1º Tesoureiro: Pedro Caetano.
 2º Tesoureiro: Doralisio da Silva Oliveira.
 Guarda esporte: Alberico Passos.
 Orador oficial: José Claudio Vilella.¹¹⁹

Segundo um dos entrevistados foram 26, as pessoas responsáveis pela constituição do Clube¹²⁰. Porém, oficialmente os sócios fundadores são onze, todos homens e brasileiros. Podemos perceber, através deles, que os frequentadores do Clube exerciam ocupações variadas, na maioria profissões autônomas e de serviços braçais como pedreiros, carpinteiros e mecânicos. Também faziam parte do Clube operários e funcionários públicos, principalmente ligados à Prefeitura.

O Clube estava constituído e contava com Estatuto a ser seguido por seus sócios. Este Estatuto era composto por três capítulos: Capítulo 1º - Do Clube e seus afins- está dividido em 11 Artigos; Capítulo 2º - Dos sócios, suas categorias, seus direitos e deveres, sua admissão e exclusão- também dividido em 11 Artigos e Capítulo 3º- Da administração - Assembléia Geral- Diretoria e Conselho Consultivo- dividido em 28 Artigos.¹²¹

No Capítulo 1º - Do Clube e seus afins- estavam, além da definição do nome do Clube e a localização na cidade de Erechim, algumas das finalidades do clube. Segundo o Estatuto o Treze de Maio "tem por fim a prática de todos os esportes, especialmente o futebol. Promover reuniões sociais em sua sede e todos os divertimentos lícitos entre os sócios e suas famílias."¹²²

Outro aspecto importante no primeiro capítulo do Estatuto tratava-se da declaração que o clube era uma sociedade " eminentemente brasileira", alheia as lutas políticas e religiosas, dispendo-se a fazer tudo para o "progresso" e o "bem da pátria", embora o artigo 10º explore que não seria feita distinção de raças e nacionalidades para a admissão de sócios.¹²³ Percebe-se aqui a necessidade de mostrar a existência do sentimento de nacionalismo entre os sócios. Este mesmo anseio é referido por Gomes ao analisar o clube Gaúcho de Caxias. O autor afirma que a escolha do nome tinha como objetivo demonstrar o

¹¹⁹ Diário da Justiça, (1949?). Acervo particular de Margarete Fátima da Silva.

¹²⁰ FRANÇA, Antônio Dario. **Antônio Dario França**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Aldori Nascimento da Silva. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹²¹ (N.E) Além dos Artigos que compõem o Estatuto mais um escrito à mão foi acrescentado posteriormente.

¹²² Estatuto do Esporte Clube Treze de Maio. Capítulo 1º, artigo 2º. p. 3.

¹²³ Estatuto do Esporte Clube Treze de Maio. Capítulo 1º, artigo 10º. p. 4.

orgulho em ser gaúcho, orgulho em ser brasileiro. Orgulho que os demais habitantes da região não sentiam, pois consideravam-se italianos,¹²⁴ "o orgulho de ser gaúcho e brasileiro, durante a década de 1930, contrastava com o sentimento de italianidade em Caxias."¹²⁵ Ainda segundo o autor, os negros de Caxias estavam tentando afirmar seu pertencimento ao Rio Grande do Sul e desta forma, ao Brasil.

Talvez seja possível fazer esta mesma afirmação para o Clube Treze de Maio. Ao expor em seu Estatuto a brasilidade de sua associação os integrantes manifestaram seu desejo de pertencimento ao país. Esta também pode ter sido uma das maneiras encontradas pelo grupo para incorporar a cultura negra na cidade de Erechim, pois declarando-se brasileiros, declaram também brasileira sua cultura.

No Capítulo 2º - Dos sócios, suas categorias, seus direitos e deveres, sua admissão e exclusão- é interessante analisarmos o Artigo 16º onde estão estipulados os deveres dos sócios:

- c) - ter vida operosa e de cidadão honesto;
- d) - defender a honra e a fama do Club e dos sócios;
- e) - sustentar a instituição social na sua integridade, servindo-se dos meios civis, sem prática de atos de violência, contrarias a boa educação e proibidas por lei;
- f) - respeitar todos os sócios que se acham no desempenho dos cargos diretivos do Club;
- g) - não promover escândalos e nem discutir assuntos que não se relacionem com os tratados nas reuniões do Club.¹²⁶

Em geral o Estatuto de um clube é o instrumento que materializa e dá personalidade à ele. É, portanto, o documento que serve para estruturar e disciplinar o funcionamento do clube e onde estão estipuladas as funções dos membros diretoria e os direitos e deveres de cada associado. As obrigações dos sócios do Treze de Maio estavam relacionadas, sobretudo, às questões de comportamento. Fica evidente que a seleção de sócios excluiria qualquer um com má conduta, ou seja, o clube não era para todos, fossem negros ou não, havia critérios claros a serem observados. O Treze de Maio era um Clube de "honestos" e de "vida operosa", para os que respeitassem os demais sócios, demonstrassem boa educação e não promovessem a desordem.

Segundo Gomes essa atitude pode ser analisada como "parte de um projeto que busca construir uma identidade valorativa, que afaste os estereótipos negativos do grupo étnico

¹²⁴ GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988)**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p.72.

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ Estatuto do Esporte Clube Treze de Maio. Capítulo 2º, artigo 16º. p. 5.

negro associado ao clube. Assim, o grupo procura ser identificado com aqueles que andam direito”¹²⁷. A preocupação com o trabalho também é percebida no clube Cruzeiro de Novo Hamburgo, onde, assim como no Treze de Maio, era importante ter uma "vida operosa". Quanto a importância do trabalho para os sócios do Cruzeiro Magalhães afirma:

[...] Em um primeiro momento, percebemos a importância de ser trabalhador. Tal quesito possivelmente estivesse relacionado ao discurso de valorização do povo ordeiro e trabalhador propagado na cidade de Novo Hamburgo. Além de opor-se à marca do negro indolente, preguiçoso e desordeiro, o ser trabalhador sintonizava-se com o discurso local. Ao mesmo tempo, marcava a contribuição negra para a prosperidade da cidade ordeira e laboriosa.¹²⁸

Através do trabalho, os negros buscam fugir da imagem pejorativa que lhes é atribuída, procurando uma valorização do grupo. Além do trabalho, outras cobranças eram feitas, todas com o objetivo de manter a boa imagem do Clube. Alguns entrevistados relatam a rigidez das regras de comportamento exigidas dos sócios,

Eles lá brincavam tudo, mas dentro dos seus limites. Eu digo assim porque a mãe sempre disse que quem não tinha um comportamento adequado né, o adequado era beber, era sei lá enfim, tu olhar para o vizinho do lado, essas coisas assim. Não ter um comportamento moral, dentro do clube, adequado, era convidado a se retirar de dentro do clube.¹²⁹

Esta prática é comum em outros clubes negros; em Pelotas o clube Fica Aí Pra Ir Dizendo seguia um estatuto severo quanto as normas de conduta. Beatriz Loner afirma que em relação às normas de conduta o clube pelotense:

conta com uma estrita vigilância por parte da diretoria sobre a moral e o comportamento de seus membros, especialmente sobre o sexo feminino, mantendo uma acesa e feroz discriminação contra aqueles que não aceitavam suas imposições de moral e de costumes. sua influência ia muito além do estreito espaço de sua sede, imiscuindo-se na vida privada de seus sócios, ditando regras e comportamentos a serem seguidos em todas as circunstâncias da vida, inclusive em termos de amizades e companhias a serem evitadas.¹³⁰

¹²⁷ GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p.114

¹²⁸ MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul**: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS) 2010. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Unisinos, São Leopoldo-RS p.145.

¹²⁹ SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹³⁰ LONER, Beatriz Ana. Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. p.4.

No Artigo 19º também fica evidente a preocupação com quem tinha a intenção de se tornar sócio. Este "candidato" precisava ter mais de 15 anos e apresentar sua proposta a diretoria através de um sócio, desta forma, uma rede de confiança era estabelecida desde o início, ao apresentar um aspirante o sócio atestava a boa conduta e, de certa maneira, se tornava responsável por ele. Na proposta apresentada constava nome e sobrenome, profissão, nacionalidade, residência e estado civil. A indicação era analisada pela diretoria e, se aceita, comunicada ao candidato.¹³¹ Na documentação disponível para pesquisa foi possível encontrar uma lista com os nomes dos "futuros sócios" do Clube. Esta lista, datilografada, é composta por 35 nomes, sendo dois deles policiais militares (os únicos que tem a profissão ao lado do nome). O cuidado com a escolha dos sócios também esteve presente em outros clubes negros do Rio Grande do Sul. Analisando o clube Gaúcho de Caxias Gomes afirma que:

a seleção de sócios feita pelo clube, pretende afastar dele os “desordeiros”, os “sem educação”, que confirmariam os estereótipos atribuídos aos negros. O clube não é para todos os negros, há uma seleção entre eles. [...] Com isso, aqueles que queriam se associar ao clube, deveria apresentar uma proposta que seria aprovada, ou não, pela diretoria.¹³²

Entretanto, mesmo com o cuidado demonstrado nos estatutos, em algumas ocasiões determinados associados não satisfizeram as expectativas da diretoria, comportando-se de forma considerada inadequada para os padrões da associação. A solução encontrada para resolver estas questões foi a expulsão do sócio, ancorada pelo Estatuto. Este, determinava também que o sócio expulso do Clube teria direito a apelação, "Ao sócio eliminado é facultado o direito de apelação, para a Assembléia Geral, dentro do prazo máximo de vinte dias contado da data da comunicação, desde que apresente a diretoria um requerimento assinado por vinte sócios, no mínimo, inclusive o eliminado."¹³³ Desta forma, ao abrir a possibilidade de apelação por parte do sócio, este precisava contar com o apoio de parte dos associados uma vez que estabelecia um mínimo de 20 sócios respaldando seu retorno.

Um exemplo de caso que resultou em expulsão é relatado na Ata de uma das reuniões da Ala Feminina do dia 20 de setembro de 1961. Nesta data as mulheres pertencentes a Ala Feminina do Clube reuniram-se para tratar de um baile e também da notificação dada a uma das sócias por mau comportamento, mas sem entrar em detalhes sobre o acontecido. Está registrado em ata que foi chamada a atenção de uma moça "por ter se comportado mau na

¹³¹ Estatuto do Esporte Clube Treze de Maio. Capítulo 2º, artigo 19º. p. 6

¹³² GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p. 114

¹³³ Estatuto do Esporte Clube Treze de Maio. Capítulo 2º, artigo 21º. p. 6.

sociedade na última soirée realizada neste clube".¹³⁴ No dia 21 de outubro, um mês após a notificação, em nova reunião foi feita uma votação para decidir se esta sócia continuaria ou não frequentando o Clube. A decisão foi pelo cancelamento de sua entrada, sendo 12 votos a favor e nenhum contrário.¹³⁵ A expulsão de sócios devido a comportamento julgado inadequado também é relatada em uma das entrevistas,

E teve casos que foram expulsos do clube Treze de Maio, teve casos. Eu lembro relatos da mãe, do meu avô e coisa e tal que teve casos que eles expulsaram pessoas devido ao comportamento moral dentro do clube Treze de Maio. O que é moral? É beber demais, é não ter atitudes adequadas em relação a outros jovens que estavam ali, é não se vestir corretamente para o evento, nossa era uma coisa assim... E esses maus comportamentos, querer briga, essas coisas que gerariam um fato, um fato diferente para o clube. E teve casos que eles disseram que tiveram que expulsar do clube.¹³⁶

Esta é mais uma das características do Clube Treze de Maio que o coloca em sintonia com o clube Gaúcho de Caxias, uma vez que lá também o autor encontrou casos de expulsão de sócios. No episódio do clube Gaúcho a expulsão significava também o afastamento completo da sociedade. As demais pessoas eram incentivadas a cortar relações com o "excluído" para que não houvesse a menor possibilidade de ligação entre os sócios do clube e as pessoas consideradas inadequadas para continuar na associação. Assim, quando algum associado era expulso por mau comportamento acabavam as suas relações com o clube e com os seus sócios, havia uma tentativa de desvincular, completamente, o "desordeiro" do clube"¹³⁷. Esta situação pode ser pensada para o Treze de Maio, porém, a escassez de fontes não permite uma análise mais detalhada a respeito das práticas dos sócios. A hipótese de que um pessoa expulsa era totalmente afastada do grupo é plausível. Afinal, alguém que é considerado inadequado para frequentar o Clube provavelmente também seria considerado inadequado para frequentar as residências familiares, sendo assim, era afastado por completo.

A preocupação evidenciada pela ata da ala feminina, pelos artigos do estatuto e pelos relatos dos entrevistados em relação ao bom comportamento dos seus sócios, principalmente o comportamento feminino, revelam a importância da imagem passada pelos integrantes do Clube à cidade de Erechim. Desta forma, os sócios procuravam derrubar os estereótipos

¹³⁴ Livro Ata do Esporte Clube Treze de Maio, 1961, p. 22. Acervo pessoal de Margarete Fátima Silva.

¹³⁵ Livro Ata do Esporte Clube Treze de Maio, 1961, p. 26. Acervo pessoal de Margarete Fátima Silva

¹³⁶ SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹³⁷ GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p.115.

relacionados a população negra¹³⁸. Segundo relato de uma das entrevistadas era preciso manter uma imagem positiva,

O Clube ele tinha um padrão moral [...]. Claro que para os padrões da época,[...] era muito importante isso, até porque eles, uma coisa que sempre se falava que além de eles terem um clube, eles tinham que preservar uma imagem, por eles serem negros né. Que qual é o dito?[...] como é que eles diziam sempre, meu avô e minha avó, eles sempre estavam com aquela coisa de, a se o negro não faz na entrada faz na saída. Isso quer dizer o quê? Que se eles não se portassem, não tivessem essas atitudes ou fecharia o clube, ou os vizinhos do lado iam telefonar para a polícia, enfim. Então eles tinham que manter uma regra dentro do clube e estabelecer isso como um limite, para que o clube funcionasse e fosse realmente respeitado dentro da sociedade erechinense.¹³⁹

As regras de comportamento eram rígidas principalmente com as mulheres. Caso alguma das frequentadoras passasse do limite considerado aceitável poderia ser repreendida pela representante da Ala Feminina. Conforme relatos, era comum as mulheres que compunham a Ala Feminina ficarem "de olho" no comportamento das moças durante os bailes. Caso julgassem necessário poderiam tomar atitudes repreensivas. Segundo um dos sócios do Treze de Maio a vigilância com os namoros era constante: "não deixavam muito namorar lá dentro, bom a minha mãe estava sempre em cima ali, ela era, era muito, muito rígida."¹⁴⁰ Nesta mesma entrevista a esposa do depoente completa, [...] mas quando via que começava muito os agarramentos, lá pelos cantos, ela pegava, ela ia lá , pegava a guria: 'Vamos, vamos lá um pouquinho'. Levava lá no banheiro a menina [risos] e tacava os panos na guria."¹⁴¹ A cobrança com comportamento apresentado pelas moças do clube parece ser maior do que a enfrentada pelos rapazes. Mais uma vez é aceitável fazermos uma analogia com o Gaúcho de Caxias onde o zelo com as moças era grande, principalmente com as solteiras. Gomes afirma que:

Havia também, certa preocupação com as mulheres solteiras que participavam do clube. A Ala Feminina chegou a solicitar ao presidente que os associados ou responsáveis pelas associadas às acompanhassem quando elas fossem ao clube.[...] Mulheres chegando sozinhas ao clube para bailes à noite poderiam levantar suspeitas sobre sua conduta moral. [...] A presença do pai, da mãe, ou de algum

¹³⁸ (N.E) Os critérios impostos pela associação refletem um esforço para afastar a sociedade e seus associados dos estereótipos atribuídos aos negros, como ser embriaguez, preguiça e desordem.

¹³⁹ SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹⁴⁰ NASCIMENTO, Nelson do. **Nelson do Nascimento**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹⁴¹ NASCIMENTO, Nelson do. **Nelson do Nascimento**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

outro familiar informava sobre a boa conduta das jovens. [...] Essa preocupação pode ser entendida também, como uma vontade de manter o clube como um espaço de divertimento familiar.¹⁴²

Segundo Gomes era preciso quebrar com os estereótipos relacionados aos negros, que os classificavam como “assaltantes, prostitutas, assassinos, bêbados, desordeiros, bruxos, agressores”¹⁴³. Estas ideias preconcebidas deveriam ser combatidas por meio do bom comportamento dos sócios do clube.

Mesmo com as regras rígidas em relação aos namoros, vários casais se conheceram, casaram e formaram suas famílias dentro do Clube Treze de Maio. Muitas festas de casamento foram realizadas na sede do Clube,

Conheci minha mulher ali dentro do 13 de maio. Conheci ela dentro do 13 de maio. Minha mulher que já morreu né, eu sou viúvo. Aí ela...um dia tinha uma festa, fui no cinema e voltei tinha uma festa ali, eu nem me lembro mais de quem que era aquela festa, são tantos anos que a gente esquece.¹⁴⁴

Embora a Ala Feminina do Clube não conste no Estatuto ela é de grande importância no desenvolvimento das atividades diárias da associação. Nas atas escritas por estas sócias percebe-se quão variadas e importantes eram suas atividades. Geralmente elas agiam atrás das cortinas deixando o palco para os homens do Clube. À elas estava destinado atividades como decoração das festas, o trabalho na cozinha, a organização de "soirée"¹⁴⁵, a compra de material para o Clube (copos, cinzeiros, vasos), a limpeza após as festas e a venda de doces para arrecadar fundos para o caixa do Clube. Sendo assim, o funcionamento interno do Clube estava nas mãos das mulheres, cabendo a elas a função de arrecadar dinheiro por meio da venda de seus bolos e também de almoços com pratos típicos,

O movimento das mulheres sempre fazia qual parte? A parte das panelas né (risos). Era parte desse movimento, que vendia as coisas no bar, elas faziam essas coisas de quem sabia fazer o bolo melhor, tinha a rifa dos bolos, tinha essas coisas que envolviam a sociedade para arrecadar um pouquinho mais de dinheiro para o clube. Elas faziam esse movimento, e tinha muitas confeitadeiras. Porque na época assim, tinha muita confeitadeira, tinha, a minha avó trabalhava muito essa parte cultural da

¹⁴² GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988)**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p.122

¹⁴³ GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988)**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p.118

¹⁴⁴FRANÇA, Antônio Dario. **Antônio Dario França: depoimento** [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Aldori Nascimento da Silva. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹⁴⁵ (N.E) Reunião social que ocorre a noite.

comida também, do negro, que era feijoada essas coisas que se envolvia muito, que tinha esse cotidiano também, ‘Ah vamos fazer uma feijoada no clube Treze de Maio em um domingo’, aí se fazia a tal da feijoada. Essas coisas também eram promovidas a título de arrecadação de dinheiro.¹⁴⁶

Esta prática que destinava às mulheres os afazeres na cozinha preparando bolos e almoços, nos salões antes e depois das festas (antes para que organizassem/fizessem a decoração e depois para que realizassem a limpeza do local) além de arrecadar mais dinheiro para o Clube também cortava despesas, pois dispensava a contratação de terceiros para que fizessem o trabalho. Em outros clubes este procedimento se repetia. Gomes afirma que:

No Clube Gaúcho elas pertenciam a Ala Feminina [...] essa Ala, também, foi responsável pela organização de muitos dos eventos realizados pelo clube. Além disso, foram convocadas para prestar auxílio de outras maneiras, por determinação do presidente Florêncio Machado, as moças deviam “visitar o comércio e a indústria locais para arrumar fundos”. Foram, ainda, designadas para fazer a limpeza do salão após as festividades. Mas, sua principal atividade durante esses anos, foi, sem dúvida, a organização dos eventos da associação. Para isso, eram acionadas em diversos momentos, mas, principalmente, quando o clube passava por dificuldades financeiras.¹⁴⁷

O clube Cruzeiro de Novo Hamburgo é mais um caso onde a Ala Feminina é responsável pelo funcionamento interno da associação. Magalhães afirma que:

Falar das sociabilidades e da integração do negro a partir do Sport Club Cruzeiro do Sul necessariamente reporta aos bailes e aos encontros familiares. Tais momentos ao que tudo indica, estavam sob a responsabilidade das integrantes, ou poderíamos dizer, aos cuidados da ala feminina da Associação.[...] Notadamente, os fragmentos e os indícios permitem destacar a significativa participação das mulheres e o papel relevante exercido por elas junto à Associação. Sociabilidades, integrações, momentos de encontros familiares, captação de doações e recursos para o clube nortearam as ações das mulheres, ao mesmo tempo, elas fortaleciam os vínculos entre os iguais.¹⁴⁸

Da mesma maneira, a exemplo de outros clubes, a Ala Feminina do Treze de Maio, não só zelou pela harmonia das famílias associadas como também desenvolveu os mais diversos trabalhos em benefício do Clube e seus associados.

¹⁴⁶ SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹⁴⁷ GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p. 87-85

¹⁴⁸ MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul**: associativismo e identidade negra em uma localidade teutobrasileira (Novo Hamburgo/RS) 2010. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Unisinos, São Leopoldo-RS, p.133-134

A última e definitiva sede do Clube, inaugurada em 1956 estava localizada na Avenida Farrapos nº 180, era uma construção de madeira de 153 m². Entre os documentos consultados há uma lista datilografada contendo a relação dos móveis e objetos existentes nas dependências do Clube. Esta lista pode nos dar uma noção do que era encontrado no espaço interno do Treze de Maio e do que dispunham os sócios. Segundo esta relação o Clube possuía: 1 mesa redonda; 18 mesas quadradas; 2 mesas diversas; 83 cadeiras de palha; 3 cadeiras em mau estado; 26 copos grande; 3 copos pequenos; 2 copos médios; 14 vasos de vidro, sendo 1 quebrado; 6 vasos de plásticos; 11 cinzeiros; 2 balcões de madeira; 6 pratos comuns; 1 bule de louça, 2 xícaras para cafezinho; 1 congelador de madeira; 4 cestos para lixo; 1 pia para lavador; 2 armários de madeira; 1 mesa de centro de madeira; 9 engradados vazios; 11 garrafas vazias; 4 quadros fotográficos; 1 espelho grande; 3 guardanapos; 4 chaves para abrir garrafas; 3 cortinas de portas; 8 cortinas para janelas; 1 imagem de santo; 3 lâmpadas fluorescentes; 1 faixa de propaganda; 1 bandeira do Clube e 1 limpador de pé.¹⁴⁹ Este inventário nos fornece uma ideia acerca da quantidade de pessoas que frequentavam o Clube, não descartando a possibilidade de se conseguir mais cadeiras e mesas para as festas maiores.

Motivo de orgulho para os sócios, os bailes realizados na sede do Clube contribuíram também para a aproximação de outros indivíduos ao grupo. Pessoas de outras cidades podiam participar das festas realizadas pelo Treze de Maio desde que portassem os convites que eram distribuídos aos conhecidos que desejassem participar. Essa integração é relatada em uma das entrevistas: "[...] de outros lugares vinha gente conhecida, tinha conhecido de Passo Fundo que vinha aqui, mas aqueles amigos de todos. Lá de Passo Fundo tinha bastante gente, Getúlio tinha bastante gente que vinha aqui, mas eram os amigos deles aqui".¹⁵⁰ O entrevistado afirma que todos os frequentadores podiam convidar seus amigos para os bailes organizados pelo Clube, o que demonstra que a rede criada pelos negros associados ao Clube ia muito além das estabelecidas entre os sócios e extrapolava os limites do município.

Já a relação do Clube Treze de Maio com outros clubes é pouco detalhada. Em uma das Atas da Ala Feminina do dia 20 de setembro de 1961 fica estabelecido que se fará um convite para o clube Visconde do Rio Branco, de Passo Fundo¹⁵¹. O texto não informa para

¹⁴⁹ Acervo particular de Margarete Fátima da Silva.

¹⁵⁰ FRANÇA, Antônio Dario. **Antônio Dario França**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Aldori Nascimento da Silva. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹⁵¹ (N.E) O clube Visconde do Rio Branco foi fundado em 1916 na cidade de Passo Fundo e destinava-se a parte da população negra da cidade, no ano de 1973 o Visconde entrou no concurso "Miss Passo Fundo" e elegeu a

qual evento será o convite e nem mesmo foi possível confirmar se foi aceito ou não. Os contatos com outros clubes da região não aparecem nas entrevistas e quando questionados sobre a relação com outras associações, os entrevistados disseram não saber ou, simplesmente, que estes laços não existiam, indicando que o Clube tinha pouco relacionamento com as demais associações existentes. O importante aqui é perceber que, embora a memória dos entrevistados até o momento não refira, e supondo que houvesse pouco contato com outros clubes, não significa que o contato com outras associações fora da sede não existissem ou mesmo tivessem sido tentadas pelos dirigentes do Treze de Maio.

Como mencionado anteriormente, o Clube é destacado pelos entrevistados pela beleza de suas festas o que demonstrava um investimento nos trajes por parte dos associados. As fotografias dos bailes realizados demonstram a preocupação com a boa aparência, pois todos compareciam aos bailes muito bem vestidos. Segundo depoente o "Treze foi um clube assim, de gabarito!"¹⁵². A elegância dos sócios em dias de bailes é recorrente nos clubes negros, Magalhães afirma que:

Luxo e pompa serviam como indicadores de elegância e distinção. Atestavam a organização e a capacidade dos negros de promoverem eventos assim como outros clubes de Novo Hamburgo. Nesse sentido, a conduta e a vestimenta impecável tornavam-se fundamental para a auto-estima, bem como para receber adequadamente os "convidados especiais", que poderiam ser autoridades locais e pessoas importantes da localidade, bem como os representantes de associações negras de outras cidades.¹⁵³

Estar bem vestido durante as festas demonstrava competência e colocava o negro em igualdade aos demais clubes, desta maneira mostravam-se capazes de proporcionar noites de glamour aos convidados, demonstrando a preocupação com o esmero da associação. A autora afirma que a preocupação com a aparência e o capricho significavam a negação ao estigma do negro relaxado, pobre, ignorante, insensível. Estes elementos auxiliam para a compreensão do sentido de "ter condições", que, segundo Magalhães, não significa condições econômica, mas sim à conduta moral, ao comportamento e ao ser trabalhador ¹⁵⁴ algo que é,

primeira miss negra da cidade. <http://www.projetopassofundo.com.br> 30/09/2014. Não foram encontrados materiais acadêmicos sobre este clube.

¹⁵² FRANÇA, Antônio Dario. **Antônio Dario França**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Aldori Nascimento da Silva. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹⁵³ MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul**: associativismo e identidade negra em uma localidade teutobrasileira (Novo Hamburgo/RS) 2010. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Unisinos, São Leopoldo-RS. p. 137

¹⁵⁴ Ibidem, p. 147

como vimos, reivindicado como qualificativo dos sócios do Treze. Na fotografia abaixo é possível perceber a elegância do casal frequentador do Clube.

Fotografia 4- Baile no Clube Treze de Maio



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.
Nota: Casal Julia e Joaquim Manuel Miranda, em 1952

O Clube realizava diversas festas todos os anos, além das habituais matinês. "A mãe comentava, e os meus irmãos também que as festas elas eram muito envolventes, [...] por exemplo, todas elas envolviam um tema"¹⁵⁵, sendo assim havia Festa junina, Carnaval, baile em comemoração ao 13 de maio, aniversário do Clube e o tradicional baile de escolha da Rainha da Primavera.

Os carnavais promovidos pelo Treze de Maio eram famosos. Além dos bailes e do desfile de rua havia também um espaço reservado às crianças que podiam brincar o carnaval no salão do Clube, durante as matinês infantis. O carnaval de rua, puxado pelo Clube Treze de Maio, é atribuído principalmente à Edmundo Palhano Sobrinho (Panela). Segundo entrevistados, ele foi o grande responsável pela organização do carnaval de rua em Erechim:

¹⁵⁵ SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

Tanto é que o clube ele é que puxou o carnaval de rua, o carnaval de rua quem começou, iniciou o carnaval de rua aqui em Erechim foi o clube Treze de Maio, aonde frequentava o... como é que é o nome dele que eu não lembro... aí tinha um apelido. Panela. Ele que frequentava o clube e ele era um dos membros do clube Treze de Maio e ele que incentivou o carnaval de rua aqui em Erechim.¹⁵⁶

Na fotografia abaixo podemos ver a participação das crianças no carnaval de salão promovido pelo Esporte Clube Treze de Maio.

Fotografia 5- Carnaval infantil



Fonte: Acervo particular de Margarete Fátima da Silva.

Não foi possível, a partir das fontes utilizadas, verificar a existência de relacionamento do Treze de Maio com os demais clubes de Erechim durante o período de carnaval. Garcez afirma que existia uma união entre os clubes nesta época do ano, quando os sócios desfilavam nas ruas indo de clube em clube onde eram bem recebidos, festejados e homenageados¹⁵⁷. No entanto, a pesquisa não corrobora esta afirmativa e os entrevistados foram unânimes ao negar

¹⁵⁶ SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

¹⁵⁷ GARCEZ, Neusa Cidade. A presença negra em Erechim. *Perspectiva*, v.74, p. 91, 1997

a participação coletiva dos clubes no carnaval de rua, assim como as visitas supostamente feitas entre eles.

A Festa Caipira também eram uma tradição do Clube e reunia os sócios que, tipicamente caracterizados, participavam de brincadeiras e do casamento caipira. Havia também o cuidado em decorar o salão com palhas e bambus, como é possível perceber na foto:

Fotografia 6 - Festa Caipira



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.
Nota: Festa Caipira no Esporte Clube Treze de Maio, ano 1954.

Ocorria também, anualmente, a festa comemorativa ao aniversário do Treze de Maio, uma das principais festas, que conforme consta no Estatuto, deveria acontecer todo dia 16 de dezembro, data de fundação do Clube. Na fotografia a seguir podemos ver a festa de inauguração do Clube.

Fotografia 7 - Inauguração do Esporte Clube treze de Maio



Fonte: Acervo particular de Margarete Fátima da Silva

Mas, entre todas as festas e bailes realizados, a noite mais esperada pelos sócios do Treze, principalmente pelas moças da associação, era a noite do Baile da Primavera. Neste dia era coroada a rainha do clube e o evento movimentava a Ala Feminina do Treze de Maio. A escolha da rainha envolvia diversas candidatas e era aguardada com grande ansiedade por elas,

Sempre tinha muitas candidatas, por isso que eu digo assim que essa coisa esvaziou com o tempo. Muitas candidatas, muitas pretendentes ao trono, né. Olha que interessante, tinha.[...] Chegava naquela época ali todas as famílias tinham bastante filhos, chegavam naquela época ali era o comentário (risos)de quem seria a rainha do clube.¹⁵⁸

O ano de 1961 pode ser tomado como referência para compreendermos como se dava o processo de escolha da titulada. Neste ano foram apresentadas três candidatas a Rainha da Primavera: Berenice Ribeiro; Eloí do Santos e Mariza Rodrigues. A primeira apuração dos votos colocava Berenice Ribeiro em primeiro lugar.

Foi dada a reunião a fim de ser feita a primeira apuração que ficou tendo o seguinte resultado:
Berenice Ribeiro em primeiro lugar com 577 votos;

¹⁵⁸ SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

2º lugar Mariza Rodrigues;
3º lugar Eloy dos Santos com 150 votos.¹⁵⁹

A segunda apuração trazia Berenice com 135 votos, Eloy com 615 votos e os votos de Mariza não aparecem, possivelmente significando nenhum voto¹⁶⁰. O resultado da apuração dos votos para a escolha da Rainha da Primavera de 1961 foi o seguinte:

Total da segunda apuração com a primeira apuração:
1º lugar Eloy dos Santos = 765 votos
2º lugar Berenice Ribeiro = 712 votos
3º e último Mariza Rodrigues = 100 votos.¹⁶¹

O número de votos obtidos pelas candidatas somam mais de 1.500, e que indica grande participação da comunidade na escolha da Rainha. Não é permitido verificar, pois se estes votos eram vendidos, como ocorria em outros clubes. As atas são pobres em detalhes e muitas vezes não constam nem as datas das reuniões.

Mas, além dos votos, haviam outros critérios para a escolha desta moça que representaria o Clube? Mesmo que as visitas a outras associações acontecessem esporadicamente - como é o mais provável – uma vez que a única menção sobre uma visita foi quando o Jornal A Voz da Serra noticiou que: "O Centro de Tradições Heróis Ibirapuitã prestará sábado próximo, uma significativa homenagem a gentil senhorita Jane Silva, Rainha do E. C. 13 de Maio, a exma. Sra. Theodora da Silva, ex-presidente da Ala Moça daquela sociedade."¹⁶² Assim, ela representava as mulheres da associação. Desta maneira esperava-se que seu comportamento fosse exemplar. Um relato mais detalhado sobre as obrigações de uma rainha de clube é fornecido por Gomes quando apresenta as funções da rainha do clube Gaúcho:

Ao se tornar Rainha do Clube Gaúcho, a senhorita passava a representá-lo. Dessa forma, a vencedora deveria ser possuidora de beleza, sim, mas também de uma série de outras características valorizadas pelo grupo dirigente. Deveria saber se portar, dançar de forma adequada, ser estudante (de preferência), usar roupas decentes, ser elegante etc. Depois de eleita, a Rainha era o exemplo a ser seguido pelas demais integrantes. Dessa forma, a figura da Rainha tinha um caráter educacional, pois informava as demais associadas qual o modelo de sócia ideal para o clube. Junto com o título, então, vinha a responsabilidade de representar bem o clube nos mais diversos eventos, tanto em sua sede social como na sede social dos outros clubes com os quais o Gaúcho mantinha relações. Seu papel, quando está em outro clube

¹⁵⁹ Livro Ata da Ala Feminina. 1961, p.18

¹⁶⁰ Livro Ata da Ala Feminina, dia 16 de setembro de 1961 p. 21

¹⁶¹ Livros Ata da Ala Feminina p. 25

¹⁶² Jornal A Voz da Serra, 23 de janeiro de 1958, p.4

também é extremamente importante, pois, informa aos outros como são as mulheres do seu clube.¹⁶³

É muito provável que as obrigações da Rainha do Clube Treze de Maio fossem praticamente as mesmas da rainha do clube Gaúcho. Desta forma, não era apenas a beleza que importava, e a moça precisava de muitos outros atributos para que pudesse representar e servir de exemplo para as demais frequentadoras da associação. Os concursos realizados pelo Clube tinham outros objetivos além de eleger uma representante que servisse de modelo e a promoção de bailes para a coroação da rainha possibilitava a arrecadação de dinheiro para a associação, que certamente via seu público aumentar no Baile da Primavera. Também é possível pensar na promoção da beleza negra, elegendo uma rainha negra estavam colocando a beleza de sua raça¹⁶⁴ em destaque, valorizando as mulheres do Clube. Desta forma, deixavam de lado a ideia de que o belo está apenas nas pessoas de pele clara.

Fotografia 8 - Lourdes Therezinha de Oliveira



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.

¹⁶³ GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História. p.132.

¹⁶⁴ (N.E) Uso "raça" conforme conceito defendido por Guimarães quando afirma a “Necessidade de teorizar as “raças” como elas são, ou seja, construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (GUIMARÃES, 2002, p.67). O que ajuda a compreender a construção do clube articulada ao contexto da cidade, e também a relação entre o “eu” e o “outro”.

Os bailes realizados pelo Clube e o carnaval de rua representam algumas das formas utilizadas pelo Clube para buscar a interação com os outros, o que nem sempre acontecia. Os relatos dos entrevistados deixam evidente que o carnaval não significava maior aproximação com os demais clubes erechinenses. Mesmo assim, foram essas duas atividades que auxiliaram na reconstrução da identidade étnica do grupo negro associado ao Clube Treze de Maio. Os bailes estiveram presentes desde a fundação do Clube, permanecendo até o fim da década de 1970, quando começou a entrar em decadência. O carnaval de rua, organizado no bloco carnavalesco e liderado por "Panela" trazia os integrantes do Clube para as ruas onde podiam demonstrar o orgulho pela associação.

Levando para a rua seu estandarte, parte da população negra de Erechim buscou diminuir sua invisibilidade por meio de um espaço de sociabilidade que se construiu ao longo do tempo como respeitável. Este grupo de pessoas que formava o Esporte Clube Treze de Maio procurou afastar seus associados das imagens negativas atribuídas aos negros, formou parcerias com políticos e personalidades da cidade, estabeleceu laços com pessoas de outros municípios, se distanciou dos que eram considerados inadequados acreditando que desta forma sofreriam menos as consequências da discriminação. Desta maneira, o Clube foi um importante espaço de sociabilidade, que construiu uma identidade positivada para seus frequentadores e que, embora extinto, continua vivo na memória de seus associados e seus descendentes como exemplo da organização negra da cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O positivismo que influenciou a formação da cidade de Erechim colocou à margem a participação de índios, caboclos e negros, privilegiando a migração intensa de descendentes europeus. Da mesma forma, a historiografia local destacou a trajetória dos imigrantes e preteriu às demais pessoas instaladas na região. Neste trabalho analisamos a população negra do município através da criação e participação no Esporte Clube Treze de Maio, fundado em 1949.

Tendo em vista os aspectos observados, verificamos que a grande diversidade étnica do município foi responsável pela criação de diversos clubes esportivos e recreativos, ligados diretamente à origem de seus sócios. Estes clubes não permitiam a entrada de negros, sendo este um dos motivos que levou a constituição do Treze de Maio.

Constatamos que a invisibilidade social sofrida pelos negros foi, de certa forma, minimizada através da concretização de seu Clube, e por meio dele conseguiram estabelecer laços com empresários, políticos, comerciantes e membros da imprensa local. Esta rede de relacionamentos possibilitou aos associados a conquista de um espaço na imprensa local ainda que pequeno se comparado aos espaços destinados aos demais clubes da cidade. Vimos que, por meio das publicações no jornal A Voz da Serra os integrantes do Clube se mostravam aos leitores como pessoas "honestas", reforçando sua identificação como "trabalhadoras" e com isso acionando elementos positivos para fugir dos estereótipos que lhes eram atribuídos.

Observamos que o Clube surgiu como espaço de sociabilidade e suas normas rígidas de comportamento também serviram para afastar os estereótipos relacionados aos negros e que, embora não explicitados nas fontes impressas consultadas, aparecem de forma recorrente nas fontes orais. A cobrança em relação ao bom comportamento dos sócios, a forma como as mulheres deviam se portar, a proibição da entrada de pessoas julgadas inadequadas, o cuidado com a aparência demonstrado na elegância dos trajes e o apreço ao trabalho foram alguns dos dispositivos acionados para construir uma identidade de grupo positiva. Além da valorização da beleza da mulher negra demonstrada por meio dos concursos de Rainha da Primavera.

Percebemos que o carnaval foi uma forma de tentar o estabelecimento de laços com os demais clubes, já que estes não se visitavam. Porém, colaborou para diminuir a invisibilidade do grupo, que durante o período festivo levava seu estandarte às ruas.

A principal contribuição deste trabalho foi verificar que a criação e a participação no Esporte Clube Treze de Maio colaborou para a formação de identidade positiva e para a valorização do grupo. Entretanto, é indispensável que outros se dediquem à temática para que

as lacunas relacionadas à história da população negra de Erechim possam diminuir. Esta pesquisa abriu uma pequena brecha e documentos estão à espera de novos olhares e novas perguntas, tendo em vista que parte das fontes pesquisadas que pertenciam a um acervo particular agora estão disponíveis para consulta e certamente possibilitarão novas pesquisas.

As fontes documentais utilizadas neste trabalho podem responder a questões que não foram o foco deste. Por meio delas é possível verificar o papel da mulher dentro do Esporte Clube Treze de Maio, ou fazer um trabalho através de uma discussão mais detalhada das fotografias, e ainda, investigar o relacionamento do Esporte Clube Treze de Maio com outros clubes negros da região tendo em vista que estas questões foram apenas apontadas nesta análise. Estes são apenas alguns dos assuntos que podem ser abordados, pois a pesquisa em relação à temática está apenas no início.

REFERÊNCIAS

- ALBA, Jorge Antonio. **Memórias do clube esportivo e recreativo Atlântico da cidade de Erechim**. Erechim, 2008
- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. PINSKI, Carla Bassanezi (Org.) Fontes Históricas. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.155-202.
- _____. **Ouvir contar: textos em historia oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.13-59.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R.de. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- CARVALHO, Andréa Aparecida de Moraes Cândido de. **Negros em Lages: memória e experiência de afro descendentes no planalto serrano (1960-1970)**. Itajaí: Casa Aberta, 2008.
- CASSOL, Ernesto . **Histórico de Erechim – CESE**, Instituto Social Padre Berthier, 1979.
- _____. **Torres Gonçalves, vida e obra**. Erechim: Editora São Cristóvão, 2003.
- CASTRO, Hebe. História Social. IN: **Domínios da história**. 2º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 3º ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- CHIAPARINI, Enori José et. al. **Erechim: Retratos do Passado, Memórias no Presente**. Erechim: Graffoluz, 2012.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local. **História Unisinos**, v.8, n.10, p.157-178, 2004.
- DIAS, Maria Odila Leite Silva. Resistir e sobreviver. In: PINSKI, Carla Bassanesi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, p.360-381, 2012.
- DOMINGUES, Petrônio. "Um desejo infinito de vencer": o protagonismo negro no pós-abolição. **Topoi**, v.12, n.23, p.118-139, 2011.
- DUCATTI, Antônio Neto. **O Grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST. 1981.
- GARCEZ, Neusa Cidade. **Colonização e imigração em Erechim: a saga das famílias polonesas (1900 - 1950)**. Erechim, RS: [s.n.], 1997. 188 p.
- _____. A presença negra em Erechim. **Perspectiva**, v.74, p. 91, 1997
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 281 p
- GIRON, Loraine Slomp, RADÜNZ, Roberto. Invisíveis: negros nas memórias dos brancos. **Revista brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 4, n. 7, p. 143-161, 2012.

GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934 -1988)**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito** – Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. Raça, cor, cor da pele e etnia. **Cadernos de Campo**. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. São Paulo. v.20, p.265-271, 2011.

HOBBSAWN, Eric. A história vista de baixo para cima. IN: **Sobre história**. 2º ed. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

LONER, Beatriz Ana. Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul** : associativismo e identidade negra em uma localidade teutobrasileira (Novo Hamburgo/RS) 2010. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Unisinos, São Leopoldo-RS,

NETO, Edgar Ferreira. História e etnia. IN: **Domínios da história**. 2º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In. LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade**. Ilha de Santa Catarina: Letras contemporâneas, 1996. p.13-33.

PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flávio. Histórias das diferenças e das desigualdades revisadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.16, p. 949-964.

PEREIRA, Rodrigo Alves. **A presença negra no município de Erechim: da colonização ao Esporte Clube 13 de Maio**. Erechim: URI, 2008. Monografia de conclusão de curso.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (ORG.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. 333p

PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2011. 302 p.

PIRAN, Nédio, **Agricultura Familiar: lutas e perspectivas no Alto Uruguai- EDIFAPES**, 2001

REZENDE, Claudia Barcelos e MAGGIE, Yvonne (Org.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, v.5, n.8, p. 170-198. 2004.

SANSONE, Livio. Pais negros, filhos pretos. Trabalho, cor, diferença entre gerações e o sistema de classificação racial num Brasil em transformação. In: **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: Edufba; Pallas. p.37-87.

SCHMIDT, Rémis Alice Perin. **Erechim cidade construída para imigrantes - Poder simbólico na conquista do espaço urbano**. 2009. Dissertação. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. Porto Alegre, 2011. 228 f. Dissertação. (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós Graduação em História, PUCRS.

SILVA, Joselina. A união dos homens de cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos afro-brasileiros**, n.2, p.215-235, 2003. p.219.

TINEM, Nelci; BORGES, Lucia. Ginzburg e o paradigma indiciário. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WEBER, V. O velho Erechim. **Revista de Erechim**. julho 1951 Ano 1.

ZANELLA, Anacleto. **A trajetória do sindicalismo no alto Uruguai gaúcho 1937-2003**. Passo Fundo: UPF, 2004.

ZAMBONATTO, Aristides Agostinho. **Os Meus Erechim**. Editora São Cristovão, 2000.

ARQUIVOS PESQUISADOS

Acervo particular de Margarete Fátima da Silva.

Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font - Erechim-RS.

FONTES ORAIS

FRANÇA, Antônio Dario. **Antônio Dario França**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Aldori Nascimento da Silva. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

NASCIMENTO, Nelson do. **Nelson do Nascimento**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

SILVA, Margarete Fátima da. **Margarete Fátima da Silva**: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).